



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
LÍNGUA PORTUGUESA

Palloma Farias do Nascimento

A TRAJETÓRIA DA HEROÍNA NA OBRA A SENTINELA DE LYA LUFT

MONTEIRO - PB
2014

PALLOMA FARIAS DO NASCIMENTO

A TRAJETÓRIA DA HEROINA NA OBRA A SENTINELA DE LYA LUFT

Monografia apresentada ao curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção de título de graduada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador: Marcelo Medeiros da Silva

**MONTEIRO - PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244t Nascimento, Palloma Farias do.

A trajetória da heroína na obra a sentinela de Lya Luft
[manuscrito] : / Palloma Farias do Nascimento. - 2014.
63 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras -
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Exatas, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva,
Departamento de Letras".

1. Individuação. 2. Mulher. 3. Lya Luft. I. Título.

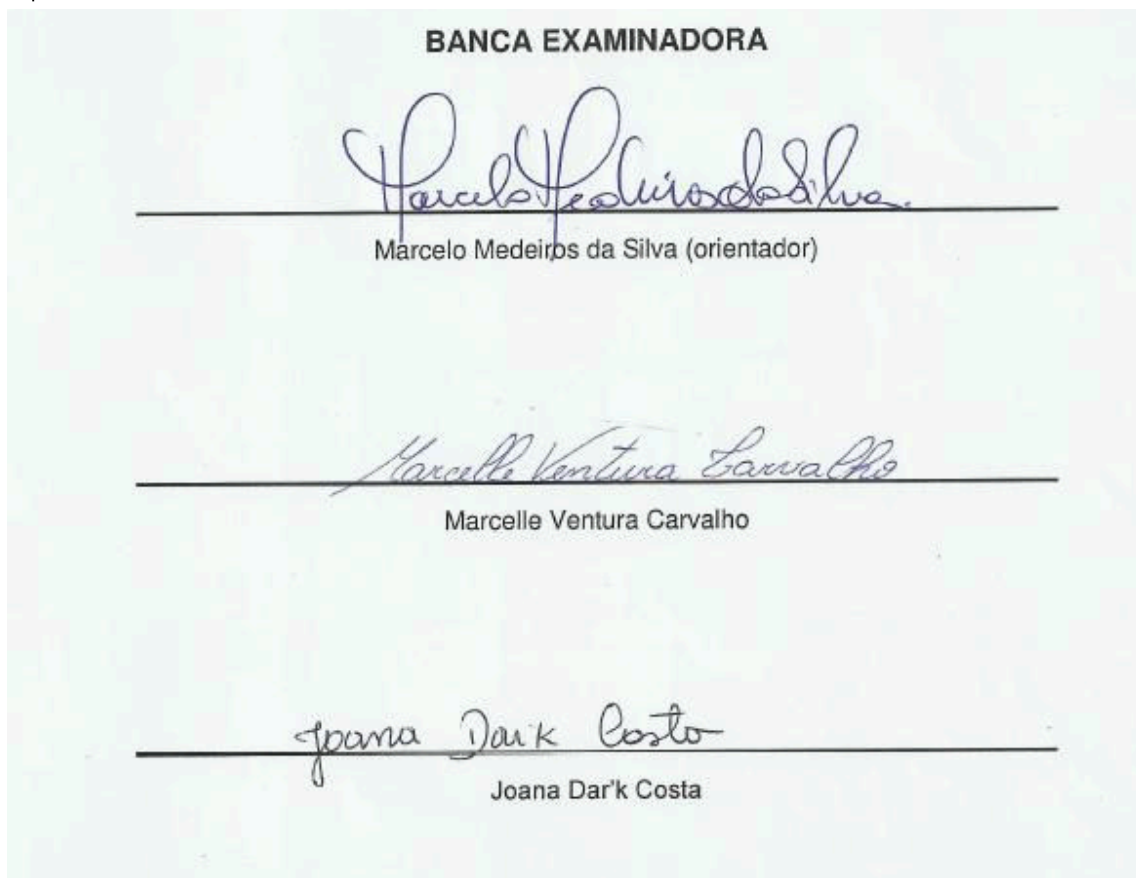
21. ed. CDD B869

PALLOMA FARIAS DA NASCIMENTO

A TRAJETÓRIA DA HEROÍNA NA OBRA A SENTINELA DE LYA LUFT

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letra Português.

Aprovada em 23 de abril de 2014.



RESUMO

O presente trabalho analisa a obra “A Sentinela” da autora gaúcha Lya Luft, sob a ótica da psicologia analítica fundamentada por Carl Gustav Jung. Objetivamos mostrar como a narrativa luftiana metaforiza o processo de crescimento pessoal vivido pela narradora protagonista a partir da reflexão dos fatos ocorridos em sua vida. A busca por autoconhecimento por parte da protagonista a conduz não só a tocar o Self, mas a rever valores patriarcais perpetuados em nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Individuação, Mulher, Lya Luft

ABSTRACT

This work analyzes the book "The Watchtower" from Lya Luft, about the perspective of analytical psychology founded by Carl Gustav Jung. We aim to show how "luftiana" narrative metaphor for the process of personal growth experienced by the protagonist from the reflection of the events in yourself. The search for self-knowledge on the part of the protagonist leads not only to play the Self, but the review perpetuated patriarchal values in our society.

KEYWORDS: Individuation, woman, Lya Luft

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao pai do céu, meu Deus, que sempre me ouviu e que soube a hora certa de me dar esse presente, nem antes nem depois, essa era a hora que deveria vir para mim; agradeço por ser sempre abençoada, por receber sempre a luz e inspiração para transpor as barreiras e por me dá o suporte para resistir aos tropeços.

Quero agradecer ao meu orientador, Marcelo Medeiros, que, me estendeu a mão na hora do desespero e me acolheu nos momentos em que me senti desacreditada e pensei que não conseguiria chegar aqui.

Aos meus pais, Geraldo e Lúcia, meus agradecimentos, por me darem subsídios para fechar meu ciclo de renovação e estudo. O conforto da família é insubstituível.

Com o tempo você vai percebendo que para ser feliz você precisa aprender a gostar de você, cuidar de você e principalmente a gostar de quem gosta de você.

Mário Quintana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	13
O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO: APORTES TEÓRICOS	13
1.1 A jornada para o autoconhecimento ou entre a luz e sombra na consciência....	14
CAPÍTULO II	29
A SENTINELA: LUZES NA JORNADA DA ALMA DA PROTAGONISTA	29
2.1. Lya Luft: olhares da crítica.....	30
2.2 Entre teares, linhas e fios: tecendo a própria individuação	36
2.3 Personagens, personas e sombras: vários fios, um mesmo bordado ou com que fios tecer a vida?	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo sobre o romance “A Sentinela”, da escritora gaúcha Lya Luft, o qual será analisado à luz dos pressupostos da psicologia profunda de base junguiana. Para a fundamentação teórica deste estudo foram usados os teóricos Beth Brait, Carlos Byington, Christine Downing, Marie Luize Von Franz, Josef Goldbrunner, Dante Moreira Leite, Maria Goretti Ribeiro entre outros. Interessa-nos investigar o percurso da protagonista, Nora, ao longo do enredo do romance, em busca da individuação, um dos conceitos-chave dentro da psicologia junguiana.

A individuação é um processo por meio do qual um indivíduo tenta, psicologicamente, unir-se em um todo, tornar-se um ser completo, unindo os conteúdos conscientes e inconscientes de sua psique. Este processo de natureza psíquica ocorre mediante a exposição a fatos, acontecimentos ou situações que obrigam o indivíduo a rever a vida, jogando fora o que já não serve, o que o torna fraco e, portanto, precisa ser trabalhando de maneira que o indivíduo possa adaptar-se ao desenvolvimento ao longo da sua vida e constituir-se uma personalidade indivisível.

Conceituada dessa forma, a individuação será uma categoria temática de que nos serviremos para analisar o referido romance dentro do qual a trajetória da protagonista em busca da luz que ilumina o seu inconsciente pode ser lida como uma forma de compreensão da inserção da mulher em uma sociedade tradicionalmente patriarcal.

Na interface entre Literatura e Psicologia, nosso trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro, denominado de “O processo de Individuação: aportes teóricos” é feito um apanhado geral sobre as concepções teóricas que aportam o tema estudado com base nos estudos de Jung e seus colaboradores, para que se pudesse deixar claro a base psicológica que seria usada na análise posterior. No caminho ao encontro da luz são enfrentadas diversas etapas, sendo a primeira delas a Persona, que consiste em uma máscara que o indivíduo usa para se adaptar ao ambiente, máscara essa que

funciona como um invólucro para ocultar o que realmente faz parte de sua personalidade e não se encaixa ao meio que no qual se está inserido, a primeira batalha travada é despir-se dessa cobertura e mostrar-se em toda sua fragilidade e imperfeição. Ao passo em que isso ocorre é necessário, em segundo momento, rever nossa Sombra, o apanhado de características abandonadas, deixadas para trás em prol dessa mesma adequação já citada, mergulhar num mar de sombra, ir a profundezas do ser e reconhecer tudo que faz nos faz parte, seja bom ou ruim.

Depois de reconhecer suas características verdadeiras é hora de enfrentar seu animus/ anima, no caso da mulher e do homem respectivamente, esse arquétipo é o contraponto do ser sexuado, a mulher reencontra seu homem interior e o homem sua mulher interior, identificar-se com esses na vida adulta, após longos anos de repressão não é tarefa fácil, entretanto é necessário para sentir um equilíbrio interno e poder seguir em frente na jornada da individuação, pois esses representam a porta de acesso ao mundo interior para o qual rumamos.

Após a viagem ao interior, o ego será outro. Consciente de seus lados negativos e positivos torna-se mais amplo, mais informado, e todo saber conquistado guiará, de agora em diante, todos os seus passos, por que ele é a consciência.

No segundo capítulo intitulado “*A Sentinela: luzes na jornada da alma da protagonista*”, à luz dos pressupostos teóricos delineados no capítulo anterior, voltamos nossa atenção para a análise do nosso *corpus*. Para tanto, este segundo capítulo, está dividido em três itens. No primeiro, Lya Luft: olhares da crítica, apresentamos, de forma geral, o pensamento crítico acerca da produção literária de Lya Luft, notadamente os discursos que reiteram um dos traços presentes na prosa da referida escritora que se coaduna com o que mostraremos neste trabalho: a representação do humano e a busca da mulher por um lugar todo seu em uma sociedade patriarcal. O segundo item “Entre teares linhas e fios: tecendo a própria individuação” detém-se na análise dos elementos físicos do livro (capa, título e roteiro) sinalizando para sua relação com o processo ocorrido com a protagonista em sua trajetória em direção à individuação. O último item deste segundo capítulo “Personagens, personas e sombras: vários fios, um mesmo bordado ou com que fios tecer a vida?” volta-

se para o enfrentamento do *corpus* propriamente dito e, a partir do discurso narrativo de *A sentinela*, discorre sobre o caminho percorrido por Nora, a protagonista, em busca de seu autoconhecimento e as relações que ela estabelece com os demais personagens ao longo de sua trajetória de ascensão psicossocial.

Por fim, finalizamos o presente trabalho reiterando que ao final de sua jornada Nora tem seu processo de individuação em fase de conclusão, vislumbrando novos rumos para sua vida, achando a sua verdadeira personalidade, o que só foi possível porque, entre as máscaras rasgadas e os enfrentamentos com a própria Sombra, ela aprendeu, não sem muita dor, que era preciso abrir mão do que era desnecessário em sua vida para centrar-se em si mesma. Sendo assim, *A sentinela* configura-se como uma obra de fundamental importância na compreensão do papel da mulher na sociedade contemporânea e sua leitura pode ajudar na compreensão do processo de individuação e nos levar um pouco mais à caverna do nosso inconsciente e nos fazer, ainda que por pouco tempo, tocar o nosso Self.

Para que possamos realizar nossa leitura com conhecimento da obra eis a seguir um resumo da obra:

A *Sentinela* é um romance que conta a história da personagem narradora Nora, uma mulher viúva e solitária que retorna, com seu filho Henrique e sua secretária do lar Rosa, à casa onde morou sua infância e parte da vida adulta, agora, aos 50 anos, nossa protagonista retorna ao antigo cenário de sua vida com novos planos, fazer dali seu ateliê de tecelagem e junto com os fios da tapeçaria vai urdindo uma nova vida para si retomando as lembranças do passado e pondo-as a limpo. Nesta casa Nora passou por grandes tragédias em sua vida, ainda na infância perdeu sua irmã mais velha Lilith, que se enforcou no dia de seu aniversário com um truque aprendido com João das Minas, rapaz que a mãe pretendia para sua filha primogênita e seu pai Matheus, ficando apenas com mãe Elsa que não tinha amor nenhum a ela, sempre a rejeitando e preferindo Lilith.

Nora viveu em uma família de patriarcado falido, pois sua mãe era quem dava as cartas, resolvia tudo e seu pai apenas acatava suas decisões. Quando da morte de Lilith Elsa resolveu colocá-la num internato com o consentimento de seu pai de onde sairia dois anos depois por conta da morte de Matheus, a partir desse momento a vida de Nora tornou-se cada dia pior, sem seu pai, única fonte de segurança e carinho Nora viu-se sozinha, abandonada pela mãe,

que depois que enviuvou esqueceu-a e lançou a viajar pelo mundo para satisfazer seus desejos supérfluos e esquecer as perdas.

Vários anos depois Nora se reencontra com João das Minas e tem com ele um tórrido romance, ela busca nele preencher sua carência, mas o homem não quer casamento, diferente dela que o pressiona nesse sentido e após dois anos de namoro quando ela comenta o assunto João termina o relacionamento dizendo que sua vida é cheia de idas e vindas e que não quer se prender a ninguém, deixando-a desolada.

Após o fim do relacionamento ambos refazem suas vidas, casando-se e tendo filhos distintamente dos planos que Nora fizera um dia, João casa-se e tem uma filha chamada Lívia, garota problemática, envolvida com drogas, más companhias e com um difícil relacionamento com os pais, mais uma vez João mostra não querer se apegar as pessoas e se revela um pai relapso e ausente, separa-se da esposa e continua suas andanças. Nora vive um casamento morno com Jaime, piloto de aviação comercial, tem seu filho Henrique, enviúva em poucos anos e dedica-se a criar seu filho com o maior zelo possível, chegando a sufocar o garoto de tantos cuidados, tanta pressão faz de seu relacionamento com o filho um problema, pois ele quer ter liberdade, mas a mãe tira-lhe essa possibilidade até o filho decidir sair de casa, nesse momento Nora ver-se novamente sozinha e se determina a virar o jogo de sua vida e procurar o caminho que é só seu.

CAPÍTULO I

O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO: APORTES TEÓRICOS

Saber finalizar uma fase da vida requer
tanta sabedoria quanto para iniciar.

Fábio de Melo

1.1 A jornada para o autoconhecimento ou entre a luz e sombra na consciência

A individuação é o processo de criação do si-mesmo e é também chamada autodesenvolvimento ou auto-geração. Individuar-se, encontrar-se, confrontar-se é um processo que implica lutar consigo mesmo, conhecer os nossos defeitos e admiti-los. Por isso, a individuação é associada a um longo, doloroso e difícil percurso em cujo final possamos ser premiados com um 'eu' melhor, um 'eu' completo, unificado. Todavia, nem sempre nos apercebemos quando somos conclamados a desencadear a individuação, essa busca que implica no autoconhecimento. Ela pode advir diante de "[...] uma situação qualquer da vida, que sacode o indivíduo todo de tal maneira que é forçado a se retrair para o centro do seu ser, centro que por necessidade encontra efetivamente.". (GOLDBRUNNER, 1961, p.139). Para tanto, aquele que inicia o processo de individuação precisa ultrapassar barreiras, vencê-las, de maneira que, unindo polos positivos e negativos da psique, possa completar-se.

Na crise inicial do processo de individuação é desferido um golpe na personalidade, que causa uma lesão com sofrimento, com este "procura-se algo impossível de achar ou a respeito do qual nada se sabe." (VON FRANZ, 1996, p.167). Pronto, está iniciada a caminhada rumo ao interior, nada que se faça pelo indivíduo nessa condição surtirá efeito, apenas uma atitude, que parte do próprio envolvido dará resultado "[...] voltar-se para as trevas que se aproximam, sem nenhum preconceito e com a maior singeleza, e tentar descobrir qual o seu objetivo secreto e o que vêm solicitar do indivíduo." (VON FRANZ, 1996, p.167). Em outras palavras, ante a iminência do desencadeamento da individuação de qualquer pessoa, no cotidiano da vida dela, o que era normal já não é mais, as pessoas, os lugares, as situações passam, cada vez mais, a irritar o indivíduo até o momento em que, por qualquer coisa, tudo explode no seu interior causando resignação e introspecção, fazendo a pessoa voltar-se para dentro de si mesma e procurar seu centro interior, uma vez que "A individuação leva passo por passo a profundidades cada vez maiores em direção ao núcleo da personalidade" (GOLDBRUNNER, 1961, p.139). Para iniciar um processo como a individuação

o ego precisa estar fortalecido, o indivíduo em questão precisa ser resistente para suportar a viagem ao desconhecido sem sucumbir, pois muito difíceis serão os obstáculos e a força será necessária para conquistar o equilíbrio e a iluminação que advém do contato e elaboração dos arquétipos.

O que acontece no processo de individuação é um diálogo entre nós mesmos e o nosso mundo interior, que carrega todo esse material coletivo, é uma tentativa, dolorosa, de por tudo para fora conscientemente e descobrir-se verdadeiramente inteiro. Lançar um conteúdo de nossa mente para a luz de nossos olhos e ter que entendê-lo como pertencente a nós para que isso nos faça melhor é o intuito maior desse processo. Para tal objetivo lograr êxito, três etapas são percorridas e superadas, a saber, persona, sombra e o par de opostos Anima/animus, as quais estudaremos mais a frente. Para isso “Uma realidade interna é procurada fora, é transferida para o exterior, é projetada.” (GOLDBRUNNER, 1961, p.18). Para que isso ocorra, é necessário o enfrentamento com os conteúdos reprimidos por nós e que geralmente são lançados, via projeção, em todos ao redor, por não assumirmos que temos tais pontos negativos e/ou positivos.

Por projeção, esclareçamos que estamos entendendo um processo pré-consciente e vital por meio do qual um conteúdo inconsciente, pertencente ao sujeito, transfere-se para o objeto, de modo que parece pertencer a este e não ao sujeito de onde emana a projeção (GOLDBRUNNER, 1961). A projeção tem fim quando quem a lançou toma ciência dela, isto é, quando o sujeito percebe serem suas as características vistas no outro, mas tudo está ligado às atitudes que se toma em relação à situação arquetípica. “É necessário experimentar em toda sua intensidade e eficácia a força e fascinação que pela projeção parece partir do objeto [...]” (GOLDBRUNNER, 1961, p.147) e o conhecimento da projeção deve entrar aos poucos nos sentimentos para que o choque que isso venha a causar não seja tão grande e prejudicial.

Voltando à individuação, esta é um processo de busca da personalidade, é uma empreitada psicológica muito árdua que ocorre ao longo de nossa existência e que visa fazer com que o sujeito possa chegar a “profundidades cada vez maiores em direção ao núcleo da personalidade” (GOLDBRUNNER, 1961, p.139). Ainda de acordo com esse estudioso do pensamento junguiano, o processo de individuação visa mudar o ego, torná-lo mais amplo, mais

informado e transformado por um sentimento íntimo. Entrar no processo de individuação e poder chegar a tocar o self¹ é adquirir um conhecimento cheio de pressentimentos da extensão e da profundidade da alma, de seu lado claro e escuro, e poder, portanto, unir a polaridades do inconsciente, isto é, as suas unidades positivas e negativas.

Nesse sentido, a individuação pode ser entendida como um processo de melhora da personalidade, no qual o indivíduo sofre, passa por muitos percalços, se descobre, vê seus erros, seus defeitos, mas também suas qualidades e características boas que, por motivos diversos, tiveram que ser reprimidas, para que se pudesse enfrentar o processo e chegar ao núcleo de sua personalidade, o self, tornando-se assim único e indivisível. Para Marie Luise Von Franz, outra estudiosa da psicologia junguiana, “O verdadeiro processo de individuação, isto é, a harmonização do consciente com nosso próprio centro interior (o núcleo psíquico) ou self – em geral começa infligindo uma lesão à personalidade, acompanhada do conseqüente sofrimento” (VON-FRANZ, 1996, p.166). Para que esse processo se inicie algo terá que sair do comum, do eixo, algo fará com que o indivíduo sinta uma ferida sangrando, olhe para dentro de si mesmo e possa se ver como realmente é.

Por isso, a individuação é um processo desafiante, doloroso. Enfim, ela é uma luta com os arquétipos², é algo para o qual temos que conseguir uma carga extra de coragem e ser bastante fortes para enfrentar essa angustiante busca: “A luta com os arquétipos, [...] é uma viagem de descobrimento em terras desconhecidas, com todos os perigos, penúrias e angustias de tal empreendimento” (GOLDBRUNNER, 1961, p.151). A individuação é, portanto, um processo cíclico, do qual não podemos escapar ao chamado e que é iniciado, conforme nos ensina Von-Franz (1996), toda vez que ocorre uma forte lesão à nossa personalidade que nos causa sofrimento e que é tomada como

¹ Por self, entendamos o núcleo mais profundo da psique, o alvo do processo de individuação.

² Dentro da psicologia junguiana, os arquétipos são a energia psíquica em forma de imagens presentes no inconsciente coletivo desde os primórdios da humanidade a exemplo A Grande Mãe, que se conceitua como o “arquétipo correspondente à imagem primordial que condensa todas as experiências relacionadas à maternidade acumuladas pela humanidade ao longo dos séculos. Em sua polaridade positiva ou bondosa, esse arquétipo apresenta qualidades de amor, carinho, nutrição, estando ligada a todo impulso benigno que propicia crescimento e fertilidade. Negativamente, manifesta-se como a Mãe Terrível, devoradora, que aprisiona, asfixia, abandona; está ligada à escuridão e ao mundo dos mortos.” RIBEIRO, 2006, p. 139,

um apelo do inconsciente, apelo este que nem sempre é percebido por nós. Essa lesão é a primeira de muitas que sofremos no processo e também o chamado ao início do mesmo, do qual poderemos declinar por medo ou outra razão. Se nos recusamos a aceitar esse convite outros virão até um dia estarmos prontos para embarcar nessa viagem sem medo do sofrimento.

Às vezes, mudar para melhor, arriscar-se para alcançar planos mais altos, passar por algo que vai provocar dor não é agradável para ninguém, mas se esta dor é necessária para o nosso crescimento interior, para uma melhora significativa, para uma centralização de nossa personalidade, por que então não sentir essa dor, ultrapassar mais essa barreira? Se, costumeiramente, já passamos por tantos obstáculos que têm um valor, então sigamos e enfrentemos esse processo que vai nos custar algumas dores, algumas angústias, algumas estranhezas, mas que, no final, nos trará benefícios que saberemos reconhecer que foi para nosso bem e nosso crescimento. Integrar-se, ser melhor, eis o tesouro que nos oferece, ao seu término, o processo de individuação.

Whitmont (2002) descreve como difícil o entendimento e descrição desse processo. De acordo com suas palavras, o próprio Jung já dissera que não seria fácil descrever a individuação, uma vez que ela não seria igual para todas as pessoas que se arriscassem a enfrentar tal batalha:

[...] é inútil olharmos furtivamente para ver como qualquer outra pessoa vai realizando o seu processo de desenvolvimento porque cada um de nós tem uma maneira particular de auto-realização. Apesar de muitos problemas humanos serem semelhantes eles nunca serão perfeitamente idênticos (VON FRANZ, 1996, p.164).

Para Leite (1987), a individuação é a harmonização dos impulsos que vêm do interior do homem. De acordo com este autor, individuar-se, na verdade, é vencer as barreiras presentes entre mundo externo e mundo interior. Na óptica do referido autor, a psicologia de Jung é de difícil aceitação para os cientistas, mas não para a arte, pois, nessa, sim, torna-se mais visível a presentificação dos arquétipos presentes no inconsciente coletivo de maneira que experiências atávicas podem aparecer mediante os símbolos de que se

revestem as manifestações artísticas. Segundo Goldbrunner (1961), a arte é o meio de comunicação com o nosso interior. Através de pinturas, esculturas ou qualquer outro tipo de expressão artística, é o nosso interior que fala a nós. Enfim, a arte propicia-nos que dialoguemos com esse interlocutor invisível, o nosso inconsciente. Por meio de tal diálogo, seremos auxiliados a descobrirmos um pouco mais do que guardamos como um segredo até de nós mesmos.

O processo de individuação ocorre em etapas que sucessivamente vão descortinando o caminho a ser percorrido para a chegada ao interior da personalidade. Esse começa pela camada mais externa de nós, a que é vista, por que é a nossa apresentação para o mundo, que foi denominada por Carl Gustave Jung de 'Persona' e que consiste em "um sistema complicado de relação entre a consciência individual e a sociedade" (JUNG *apud* GOLDBRUNNER, 1961, p.139).

Fazendo alusão às máscaras usadas pelos atores de teatro antigo em encenações e rituais, o termo "persona" é empregado, em psicologia analítica, para designar "as expressões do impulso arquetípico para uma adaptação à realidade exterior e à coletividade. Nossas personas representam os papéis que desempenhamos no palco do mundo [...]" (WHITMONT, 2002, p. 140). Essas máscaras são uma espécie de epiderme protetora que mantém o nosso ser frágil distante dos 'perigos' do mundo exterior. A persona é, portanto, uma das partes em que se divide o 'eu', criando um falso eu, por meio do qual o indivíduo procura mostrar-se à sociedade como verdadeiro, mas que apenas é uma ilusão. A persona é, em síntese, uma casca bonita para um fruto pouco agradável.

Considerando-se a relação entre sujeito e mundo, a persona forma-se da ocultação de características consideradas negativas de maneira que o sujeito visa mostrar somente o aceitável aos olhos dos outros, da sociedade, da cultura dentro da qual ele vive. Ao longo do desenvolvimento psíquico do sujeito, a persona e o ego podem misturar-se pela frequente permuta de um no lugar do outro. Entretanto, o indivíduo precisa saber diferenciá-los, ou seja, reconhecer-se como alguém independente além da máscara, ter consciência de si mesmo, apresentar-se como separado do que é visto pelo espectador do mundo exterior. Caso não consiga separar-se de suas personas, o indivíduo

ficará doente, podendo chegar à psicose, por não poder exercer seu ser real minimamente. Como se trata de um invólucro, a persona pode nos aparecer em sonhos sob a forma de roupas, uniformes ou máscaras difíceis de tirar ou coladas à pele, como bem exemplifica o trecho de *Tabacaria*, poema de Álvaro de Campos, um dos heterônimos de Fernando Pessoa:

Fiz de mim o que não soube
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho,
Já tinha envelhecido.
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.
Deitei fora a máscara e dormi no vestiário
Como um cão tolerado pela gerência
Por ser inofensivo
E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

Como dissemos antes e como o trecho do poema acima ilustra, a persona pode ser comparada a uma máscara que esconde o que, do ponto de vista psicológico, realmente somos, uma vez que mostra apenas o que queremos que seja visto, a fim de que possamos ser aceito dentro de uma sociedade. Geralmente, a persona é composta por características que não nos pertencem, mas que criamos para agradar àqueles que estão diante de nós:

“A persona satisfaz as exigências do relacionamento com o nosso ambiente e cultura, conciliando o ideal do nosso ego com as expectativas e os valores do mundo onde crescemos” (ZWEIG e ABRAMS, 1991, p.71).

A relação com a persona implica, portanto, saber:

[...] desenvolver um senso de responsabilidade e uma capacidade de julgamento não necessariamente idênticas aos padrões e

expectativas externas e coletivas[...]. Temos de descobrir que usamos nossas vestimentas representacionais para proteção e aparência, mas que também podemos nos trocar e vestir algo mais confortável quando é apropriado e que podemos ficar nus em outros momentos (WHITMONT, 2002, p. 140).

No que tange ao processo de convivência com a persona, podemos afirmar que o que precisamos é aprender a lidar com os dois lados de nós mesmos, saber nos adaptar às exigências sociais e culturais e sermos nós mesmos por um tempo. A mistura persona-ego acaba por confundir o próprio indivíduo. Por isso, temos que desenvolver ego e persona adequados, sabendo, é claro, o momento de usar um deles, uma vez que, se a diferenciação não for realizada corretamente, será criado um pseudo-ego, o qual é frágil, quebradiço, porque necessita de energia psíquica que o ser já não possui e porque sobre ele recaem pressões constantes vindas de dentro enfraquecendo-o. A fim de evitarmos a formação desse pseudo-ego, devemos evitar fazer da persona o ego, ou seja, evitar dar atenção apenas às máscaras, usando-as exaustivamente a todo tempo. Como as características externas são geralmente o oposto das internas, o primeiro passo em busca da personalidade unificada é separar-se da persona definitivamente a fim de conseguir “[...] a harmonia entre o interior e o exterior e ser por fora aquilo que a pessoa é por dentro” (GOLDBRUNNER, 1961, p.140-141).

Uma vez desvencilhados de nossas máscaras, de rasgadas as várias personas, a próxima etapa do processo rumo à individuação consiste em defrontar-se com a própria sombra, arquétipo que é alimentado pelos conteúdos reprimidos em nosso inconsciente. Esses conteúdos estão escondidos no inconsciente porque, como, durante a vida, fazemos escolhas a fim de sempre agradar a outrem, essa nossa atitude implica, para que sejamos aceitos dentro de uma determinada cultura, sociedade, grupo, que reprimamos, escondamos aquilo que não pode ser socialmente aceito e que, relegado a uma espécie de caixa trancada e esquecida no porão de nossas mentes, irá servir de alimento para a sombra, o lado obscuro de nosso inconsciente: “A sombra é a porta escura e dolorosa que precisa ser atravessada no caminho

para o inconsciente coletivo. Tomá-la em conta é o começo duma atitude objetiva para com a própria personalidade” (GOLDBRUNNER, 1961, p.141).

O encontro com a sombra é o embate com a nossa imperfeição, e esse ganha diversos nomes – noite escura da alma, descida aos infernos, crise da meia idade. A sombra é inconsciente. Talvez, por isso, muitas vezes, nos deparamos com ela, por meio de situações, aparentemente, inexplicáveis. Para vencê-la, necessitamos de entendê-la. Nas palavras de Zweig e Abrams (1991, p.27),

“Para podermos ser capazes de encontrar a sombra na nossa vida cotidiana – dando-lhe acesso e, assim, rompendo seu domínio compulsivo sobre nós – precisamos, antes de mais nada, alcançar uma compreensão abrangente do fenômeno”.

Jung (*apud* ZWEIG e ABRAMS, 1991, p. 27-28) define a sombra como o outro em nós, “o lado ‘negativo’ da personalidade, a soma de todas aquelas qualidades desagradáveis que preferimos ocultar, junto com as funções insuficientemente desenvolvidas e o conteúdo do inconsciente pessoal”. É frisado por Jung que a sombra não é totalmente negativa, ela é assim apenas pelo ponto de vista da consciência, mas possui valores morais, éticos e conteúdos realmente positivos à consciência só que inferiormente, oculto. Zweig e Abrams (1991) define sombra como a parte da psique inconsciente que está mais próxima da consciência, mesmo que não seja completamente aceita por ela, e que, por ser contrária às atitudes inconscientes, não deixamos que se expresse em nossa vida, ficando, deste modo, no inconsciente, oculta e protegida.

A sombra juntamente com a anima e o animus e o self são os principais arquétipos do inconsciente pessoal. Segundo Neumann (*apud* ZWEIG e ABRAMS, 1991, p. 30), a sombra esconde o self, o guarda, é “[...] a guardiã da entrada” (ZWEIG e ABRAMS, 1991, p.30). Só o entendimento com a sombra nos levará à totalidade, ao entendimento com o self, pois é atrás da escuridão da sombra que está a luz da unicidade. Por isso, na individuação, não adianta rejeitar ou fingir não ver a sombra. É preciso, sim, torná-la consciente, clara, através do reconhecimento de suas deficiências. Enfim, precisamos trazer à luz o que se encontra na escuridão, aceitar e mostrar os defeitos a fim de que nos

tornemos um sujeito completo: “Quando uma pessoa tenta ver a sua sombra ela fica consciente (e muitas vezes envergonhada) das tendências e impulsos que nega existirem em si mesma, mas que consegue ver perfeitamente nos outros [...]” (VON-FRANZ, 1991, p. 57).

Ao tomar consciência dos conteúdos da sombra, inicia-se um lento processo de auto-educação, algo tão grande e doloroso que só em pensar falta a coragem de enfrentar. No decorrer do autoconhecimento, quanto mais conscientes de nós mesmos, mais a camada obscura do inconsciente pessoal vai desaparecendo-se. Tornando-se menos espessa, a cada vez que somos capazes de enfrentar nossos próprios monstros, a sombra vai desintegrando-se, uma vez que a individuação tende a fazer com que o indivíduo torne-se conhecedor dos conteúdos negativos e positivos de sua psique, o que lhe dará calma e segurança para prosseguir em busca da totalidade psíquica. Com o confrontar-se com a persona e com a sombra, o indivíduo torna-se mais sensível, uma vez que está sendo compelido a expor os conteúdos reprimidos do inconsciente, isto é, trazer a lume aquilo que até então ficara guardado secretamente, longe de todos, inclusive de si mesmo. Rasgar as máscaras da persona e deparar-se com a sombra é um processo que se assemelha a “como se fosse a retirada uma epiderme protetora e a alma ficasse exposta à realidade e à experiência própria” (GOLDBRUNNER, 1961, p.142).

Uma vez livre das amarras da persona e da sombra, o sujeito em individuação depara-se com mais outro arquétipo que é preciso ser cortejado. Trata-se do par composto pelo anima/animus que dizem respeito à porção de gênero oposto no homem e na mulher. De acordo com Von Franz “Anima é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem [...]” (VON-FRANZ, 1996, p.177) enquanto o animus diz respeito à porção masculina no interior da psique da mulher.

A anima é responsável no homem pelos atos e sentimentos instáveis, pelas intuições proféticas, pela capacidade de amar bem como por tantas outras características tidas como femininas. A anima expressa-se de modo a indicar as influências que o homem, durante a vida, sofreu da mãe. Se esta foi negativa, a anima se mostrará irritada, depressiva e incessantemente repetirá que não serve para nada, que é inferior às outras, podendo provocar no homem um medo de adoecer, de acidentar-se, de ser impotente. “Esse clima

psicológico sombrio pode, mesmo levar um homem ao suicídio, e a alma torna-se então o demônio da morte” (VON-FRANZ, 1996, p.178). Caso a influência da mãe tenha sido positiva, a alma revestir-se-á de outras características que, por sua vez, não são vistas pelos homens como positivas, já que “Uma alma desse tipo pode fazer do homem um sentimental ou deixá-lo [...] melindroso [...]” (VON-FRANZ, 1996, p.179). Todavia, devemos lembrar que a ação da alma é “forçar um homem a desenvolver e a amadurecer o seu próprio ser integrando melhor a sua personalidade inconsciente e trazendo-a à realidade da sua vida.” (VON-FRANZ, 1996, p.180). A alma ajuda o homem a identificar fatos ocultos do inconsciente e o auxilia a estabelecer contato com o interior para a harmonização da alma, servindo, pois, como guia, mediador entre o mundo interior e o self.

De acordo com Goldbrunner (1961, p. 144), “Se de algum modo é permitido falar em harmonia psíquica e de equilíbrio interno, a chave para isso é o arquétipo anima”. Tal é a importância da anima no processo de individuação que chegar até ela e não objetivá-la é descartar todo o trabalho anterior. Porém, não podemos esquecer que “A experiência da anima não pode ser provocada arbitrariamente, pois ela é coincidência, destino e guia. Tudo que o homem pode fazer é manter-se em prontidão para a aventura que tal experiência sempre representa e remover todas as ideias deprimentes de que isso é mal, pecaminoso e pouco viril” (GOLDBRUNNER, 1961, p.145). Nesse sentido, o da importância da anima no processo de crescimento psíquico, concretizá-la, por meio de projeções, é um ato requerido pelo curso natural da vida e a não realização, por descaso e/ou por receios injustos, poderá provocar a repressão da anima, o que, certamente, acarretará a instauração na pessoa de uma personalidade atrofiada ou até mesmo de neuroses. A perda da anima pode ser suportada pelas pessoas mais jovens. Já para aquelas que se encontram na segunda metade da vida, a continuidade dessa perda causa a falta de vivacidade, de flexibilidade e de humanidade, tornando-as pessoas secas, frias e sem vontade de viver. No dizer de Goldbrunner (1961, p. 146), “Tais pessoas parecem ‘não ter alma’ [...]”.

Tal qual a anima no homem, o animus apresenta-se na mulher como positivo ou negativo, distingue-se na influência que exerce em seu portador, o que, no homem, causa fantasias eróticas, na mulher, causa agressividade e

convicção ferrenha, características que, se apresentadas pela mulher em uma situação qualquer, mostram a masculinidade oculta da fêmea. O animus deixa a mulher convicta do que quer e para ele tudo tem sempre que ser do mesmo jeito, ele “[...] nunca aceita exceções” (VON-FRANZ, 1996, p.189). Ainda segundo esta autora, “Difícilmente podemos contradizer uma opinião do animus porque em geral é uma opinião certa, no entanto, raramente, enquadra-se numa determinada situação individual. É uma opinião que parece razoável, mas que está fora de propósito” (VON-FRANZ, 1996, p.189).

O caráter do animus é influenciado pelo pai da mulher, assim como a anima é pela mãe do homem. É o pai que incute, no homem inconsciente da filha, as convicções verdadeiras, intocáveis e que nada têm a ver com a pessoa que as recebe. “Por isso o animus, tal como a anima, pode algumas vezes, tornar-se o demônio da morte.” (VON-FRANZ, 1996, p.189).

O lado negativo do animus desestimula a mulher de seus projetos bons, tenta a convencer que nada será melhor em sua vida e por sua vez a mulher influenciada torna-se cada vez mais rancorosa, maliciosa, desprezível e tendente a depressão, alimentando sempre más intenções para com as pessoas que a rodeiam, como afirma Von-Franz (1996, p. 191): “ Uma estranha passividade, uma paralisação de todos os sentimentos ou um aprofunda sensação de nulidade e de vazio é, as vezes, o resultado de uma opinião inconsciente do animus. No mais íntimo de uma mulher murmura o animus: 'você não tem salvação [...]’. Entretanto, o animus, como a anima, não é constituído somente de más qualidades, o seu lado positivo é valioso, pois ele “[...] pode lançar um aponte para o self através da atividade criadora” (VON-FRANZ, 1996, p.193).

O par anima/animus pode parecer um detalhe irrelevante, mas não é. Ele é a porta para o mundo interior do mesmo modo como a persona mantém a ligação com o mundo exterior. Por isso, para adentrar profundamente a psique humana, a barreira imposta pela díade anima/animus tem que ser superada, daí por que: “É absolutamente necessário confrontar-se com este invólucro do fundo da psique, se é que se deseja alcançar os conteúdos mais remotos” (GOLDBRUNNER, 1961, p.144).

A luta com os arquétipos de nosso inconsciente, persona, sombra, animus, anima é análoga a uma viagem por terras desconhecidas que desperta medo, dor, angústia, sofrimento:

Todo o contato com o arquétipo, seja ele experimentado ou apenas mencionado é 'tocante', isto é, exerce atividade, pois faz soar em nós uma voz mais forte do que a nossa. Quem fala por meio de arquétipos, fala como se tivesse mil vozes; impressiona e cativa (GOLDBRUNNER, 1961, p.161).

Apesar dos receios que essas mil vozes podem causar, ainda assim, a individuação é uma viagem da qual não devemos escapar. Em dado momento de nossa vida, quando menos esperamos, somos conclamados à individuação. Caso o sujeito não tenha a coragem e a resistência de enfrentar tudo o que tal viagem implica e apenas afastar-se, resignar-se e fugir da empreitada, da caminhada deixará de resolver um problema vital na vida dele, criando, assim, um pântano no inconsciente e afastando a luz que poderia iluminar a sua pisque. Entretanto, se o sujeito lançar-se à expedição obscura do inconsciente, terá de ter cuidado para não se perder, o que poderá acontecer “quando o indivíduo prontamente sucumb[ir] ao primeiro assalto dos sentimentos e os realizar. O único caminho do homem é a exploração e apropriação espiritual, quer dizer, o cultivo e o domínio” (GOLDBRUNNER, 1961, p.151), os quais poderão fazer com que o indivíduo consiga sagrar-se como vencedor em sua jornada pela alma.

Após a viagem ao interior, o ego será outro. Consciente de seus lados negativos e positivos torna-se mais amplo, mais informado, e todo saber conquistado guiará, de agora em diante, todos os seus passos, por que ele é a consciência. O centro da personalidade agora deixa de ser o ego e se desloca mais além para certo ponto imaginário entre a consciência e o inconsciente, isto é, o self. Por fim, é importante esclarecer que o processo de individuação é algo totalmente ocasional, natural e que não depende da vontade ou do interesse do indivíduo. “É ao mesmo tempo um processo natural de seleção” (GOLDBRUNNER, 1961, p.154). Entretanto, aqueles que possuem uma

espécie de vocação ou predestinação acabam por conseguir um nível de diferenciação mais elevado em todas as circunstâncias. Como a individuação é contínua, ela, ao longo de nossa existência, não cessa nunca. “Este caminho de formação da personalidade dura a vida inteira [...] só a morte traz a conclusão” (GOLDBRUNNER, 1961, p.155). A individuação é, portanto, um processo cíclico. O indivíduo está sempre enfrentando novos arquétipos para chegar, cada vez mais, a conhecer, a fundo, sua alma e se renovar, até o dia do fim de sua vida, no qual se constela o último arquétipo – a morte.

Se a pessoa que passa pelo processo de individuação consegue ultrapassar pelos arquétipos anteriores, o seu inconsciente transformará e aparecerá de forma diferente e, assim, podemos dizer que tal pessoa tocou o self, isto, é o todo, o dominante, a parte mais interna de nós, mais profunda da nossa psique que, em nossas visões oníricas, surge como um personagem superior, sempre de sabedoria, de mesmo sexo do sonhador, ou seja, um homem sonha com seu self como um velho sábio, um guru. Já mulher com uma feiticeira, uma deusa ou algo do tipo. A personificação do self aparece-nos para nos aconselhar nos momentos de angústia e necessidade. O self pode, no entanto, tomar diversas formas, de idades variadas, acompanhando-nos por toda vida:

O *self* nem sempre toma forma de um velho sábio ou de uma criteriosa senhora. Estas personificações paradoxais são tentativas para exprimir uma entidade que não está inteiramente contida no tempo – algo que é simultaneamente novo e velho (VON-FRANZ, 1996, p.196).

Essa mutação no aspecto apresentado pelo self indica o quão poderoso é esse arquétipo, ao ponto de tornar tudo cheio de vida e de iniciativa, como um jovem com poderes sobrenaturais. Com as mudanças de forma e presença, o self pode ser representado também por animais bondosos e pedras. Em muitas culturas, o self é cultuado sob a forma de um grande e primeiro homem de onde advém tudo, ele é descrito como “[...] o princípio básico do mundo” (VON-FRANZ, 1996, p. 200), a luz complacente e iluminadora que reflete a todos o nascer da humanidade. Persas, hindus, chineses e também na

civilização ocidental contam histórias de um divino homem, do qual surgiram os rios, as montanhas, o sol, a lua e trovões, entretanto, “No Oriente e em alguns círculos gnósticos do Ocidente, as pessoas logo compreenderam que o Homem Cósmico seria antes uma imagem psíquica interior do que uma realidade concreta exterior.” (VON-FRANZ, 1996, p.202). Para alguns, esse homem vive em nós, é nossa única parte imortal. Por sua característica psíquica, ele age como um salvador dos indivíduos, que os ampara nos momentos de dor e tristeza e os reergue quando estes caem. Porém, isto acontece se o homem nele acredita e confia.

O self representa não apenas o início da vida, mas também seu alvo e fim, pois “Toda realidade psíquica interior de cada indivíduo é orientada, em última instância, em direção a este símbolo arquetípico do self” (VON-FRANZ, 1996, p.202). Tudo nos leva a ele. Com a individuação, estamos rumando a ele, ao centro de nós, tendo em vista que o objetivo principal do homem é ser *humano*, e o mistério vivente manifesto em nossa realidade psíquica o inconsciente traduz no símbolo do homem cósmico.

Quando, durante a individuação, estamos próximos da chegada ao self, o ego será incorporado e desfará sua orientação voltada à extroversão, dando lugar ao mundo interior e ao Homem Cósmico, que agora representa a totalidade do ser. O ego nos faz ver o mundo exterior como o único. Nas palavras de Von-Franz (1996), vê-se que isso não é correto:

“Na verdade, não devemos nunca nos esquecer de que para nós a realidade exterior só existe na medida em que a percebemos conscientemente, e que não podemos provar que ela existe ‘em si e por si mesma’.”

O universo do ego é desfeito quando o self apossa-se de nós por completo e mostra-nos o que realmente é importante, fundamental em nossas existências.

Colocando-se o self como uma pedra, tem-se a individuação como o meio de chegar até ela. Para que isto ocorra, “É necessário, em geral, um sofrimento prolongado a fim de consumir todos os elementos psíquicos supérfluos que ocultam a pedra” (VON-FRANZ, 1996, p. 210). Outra forma de reconhecer o self é sob a forma da *mandala* (círculo mágico), termo hindu

cunhado pelo Dr. Jung para nomear o 'átomo nuclear' da psique do homem. Esta é usada por civilizações como meio de procurar a cura das enfermidades dos membros em suas comunidades, sua contemplação deve trazer harmonia e paz ao indivíduo doente, para trazer a sensação que a vida voltou a encontrar a ordem e o significado de ser, quando aparece espontaneamente nos sonhos ainda mais positivo se torna seu efeito para o sonhador.

Von-Franz expressa o self como o centro organizador da psique de onde emana uma ação reguladora, um núcleo atômico inventor e/ou fonte das imagens oníricas, a totalidade absoluta da psique, diferente do ego que constitui apenas uma parte pequena deste sistema. Existindo abundantemente nos mitos e contos de fadas, como Chapeuzinho vermelho, João e Maria e os Três porquinhos, os animais e as pedras surgem como outras formas de representação do self, simbolizando o nosso instinto natural e a nossa relação com o ambiente. Tendo em vista o fato de o self representar a totalidade plena, ele é, muitas vezes, concebido como um ser bissexual, o que já satisfaz um dos mais complexos pares da psicologia: os elementos feminino e masculino. As naturezas animal e bissexual podem inclusive aparecer juntas em sonhos e visões. As diversas formas de apresentar-se mostram o esforço feito pelo self para nos enviar suas mensagens.

Devido ao fato de estarmos sempre em um ritmo acelerado da modernidade, criamos, conscientemente, a ilusão constante de um mundo exterior "real", o que bloqueia nossa capacidade perceptiva das mensagens enviadas pelo self. Assim, somos impelidos a não chegar à totalidade que emana dele, tornando-nos, portanto, seres incompletos que não sabem unir os aspectos positivos e negativos do seu inconsciente, o que pode trazer-nos sérias implicações sobre as quais falaremos no próximo capítulo quando formos analisar o percurso da heroína do romance de Lya Luft em direção à individuação.

CAPÍTULO II

A SENTINELA: LUZES NA JORNADA DA ALMA DA PROTAGONISTA

Não vou deixar a porta entre aberta.
Vou escancará-la ou fechá-la de vez.
Porque pelos vão, brechas e fendas...
Passam semiventos, meias verdades e
muita insensatez.

Cecília Meireles

2.1. Lya Luft: olhares da crítica

A literatura desde sempre foi predominantemente masculina, seja porque produto direto dos homens, seja porque os personagens mais proeminentes ou que receberam um relevo maior eram, em sua maioria, masculinos. No mundo inteiro, desde que se tem notícia, a dominação masculina é tida como natural. Em virtude dessa dominação, a mulher sempre esteve reprimida, sob o controle do pai e, depois, do marido, vivendo enclausurada em uma casa obscura e sem vida. Essa existência à margem ocasionou em muitas mulheres o sacrifício mutilador de sua personalidade, sobretudo, porque descobriram ser o lar um lugar que não era tão ameno como a ideologia patriarcal quisera fazer passar.

Entretanto, a partir do século XVIII, a mulher passa a buscar sua independência e atuar em espaços além da casa. Essa busca por um lugar todo seu vai trazer algumas implicações que desencadearão mudanças muito significativas no seio de nossa sociedade androcêntrica. Nesse processo de se autoafirmar como sujeito do discurso, na busca por uma voz própria e por espaços outros que não aqueles sobre os quais pairavam a sombra do patriarca, as mulheres encontram nas artes um espaço propício para a representação dos seus anseios de liberdade ou dos conflitos ante a impossibilidade de desvencilhar-se do jugo patriarcal. Essa luta entre resistir às injunções patriarcais, aos modos de ser e de existir destinados ao feminino que foram sendo naturalizados ao longo do tempo e, ao mesmo tempo, identificar-se com os pressupostos ideológicos do patriarca vai servir de esteio para a produção literária de muitas mulheres. No Brasil, inúmeras são as escritoras que vão problematizar e questionar a ordem patriarcal procurando desestabilizar alguns de seus princípios em prol de direitos que tal ordem nega às mulheres que são vistas como cidadãos de segunda classe.

Dentre as escritoras brasileiras em cuja obra nota-se a presença da condição feminina como um elemento estruturante, está Lya Luft. Em seu repertório ficcional, a partir de uma visão panorâmica, podemos dizer que ela mostra símbolos presentes no inconsciente coletivo, através de histórias cotidianas, porém com certa dose de sofrimento e melancolia. Santos (1996,

p.03) afirma que “pela técnica do olhar sereno e cruel, leve e contundente, Lya conta-nos histórias do fracasso (a vitória é vivê-lo até seu ponto máximo), histórias do desejo secreto alheio”.

Para analisar uma obra da referida escritora gaúcha, em primeiro lugar, é necessário se habituar à sensação incomum que a leitura, sobretudo de seus romances, nos causa, uma vez que, como leitor, deparamo-nos com temas estranhos aos olhos, difíceis de assimilar por conta da dureza dos fatos que se sucedem na trama. Sobre a literatura de ficção de Lya Luft, Santos (1996) afirma que não facilmente encontra-se conforto em identificá-la com escritoras nacionais, uma vez que é nos autores que ela irá se apoiar e identificar-se para a criação ficcional, isto é, nos homens que falam das “zonas caladas da vida mental”, de sua parte obscura, deformada, assustadora. Por isso, para alguns críticos, a ficção de Lya Luft apresenta forma e temática textuais que se assemelham com as de escritores brasileiros, como Cornélio Pena e Nelson Rodrigues. Embora “tão distintos em sua solidão”, a aproximação dá-se a partir de temas e imagens similares, visto que todos têm nas tragédias familiares o elemento de que se alimentam as suas narrativas. Todavia, desses escritores, Lya Luft se destaca, na visão de Santos (1996, p.24), apenas pelo “grau de delírio de que se nutrem todas essas artes”.

Lya Luft fala em seus romances das “dolorosas vivências duais do ser humano: amor e ódio, vida e morte, masculino e feminino” (LIMA JÚNIOR, 2010). Os traumas, as dores, os medos, as dúvidas, a loucura e principalmente a morte, tudo isso move a ficção luftiana a partir de uma perspectiva permeada por certa calma e serenidade, como se antes de escrever seus romances a escritora tivesse se libertado dos fantasmas que cercam tais temas. Suas palavras trazem a preocupação em relação aos problemas da moral que se entrelaçam com os da personalidade, travando um embate entre o bem e o mal. Ainda conforme Corrêa (1996), Lya Luft aprendeu a controlar o delírio, como força criadora, para concretizar sua escrita sem danos, abordando cada um dos infortúnios ocorridos a seus personagens com o contorno adequado, firme, mas leve e sem desespero:

Para que haja desespero é necessário um mínimo de esperança. O grupo de seres criados por Lya não comporta o riso e, na maioria das

vezes, não espera mais nada. Ou ainda, o que seria mais exato, espera o nada. Até poucas expectativas de alguns personagens são desaperançadas (CORRÊA, 1996, p.25).

A serenidade da escrita faz com que a autora veja de forma cruel e ao mesmo tempo tranquila fatos do cotidiano, podendo dissecá-los e expô-los com tanta maestria, fazendo com que a dor e o medo sejam racionalizados pela certeza do fim, a morte – fria e inexorável em sua concretude – que virá de certo na vida dos que apenas o/a esperam. Lya Luft coloca com brandura a rispidez da vida com traumas contundentes e fatais que perfazem as histórias de dor e sofrimento que envolvem seus personagens, sejam eles femininos, sejam eles masculinos. Cada um deles com uma história e uma individualidade mas todos ligados pelo fio condutor comum, a morte, cujo trauma acaba se tornando um motivo para existir:

Há nos romances [de Lya Luft] uma vontade de compreensão. Compreensão provinda não de uma psicologia interiorizante, mas de uma psicologia plástica, quase expressionista, para a qual afastar é a condição do ver. Vê o quê? Ver aquilo que se passa nas feições, em função daquilo que se lastra sob, na vida a que se chama de subterrânea [...] (SANTOS, 1996, p.25).

Lya Luft mostra, a partir do que está dentro do ser, em seu mais recôndito interior, o que está fora. A romancista quer buscar dentro do ser, do seu sofrimento o motivo de certas atitudes e ações da vida, trazer à tona a causa da vida malograda, como ensejamos mostrar neste capítulo ao analisarmos o percurso da protagonista de *A sentinela* em busca da individuação, evidenciando as perturbações internas por que passa Nora, a protagonista, para saber o motivo de sua vida ser um fracasso total.

Embora a autora diga que escreve sobre tudo, não apenas a respeito de mulheres, é inegável que a marca mais indelével da sua produção literária diz respeito à construção de personagens femininas e à busca por apresentar a independência do feminino em uma sociedade predominantemente masculina e machista. Nossa autora descreve mulheres que demonstram o desejo de

libertação da opressão patriarcal, da família opressora, da vida em um mundo injusto, daí por que nessa luta quase atávica por liberdade, vez, voz e visibilidade suas personagens femininas são loucas, reprimidas, confusas, mães, amantes, culpadas, frágeis, mas sempre sonhadoras e perseguidoras de seu objetivo de pôr seu presente em ordem não se esquecendo de seu passado traumático, mas o entendendo e superando.

Acreditando em inconsciente coletivo como ela própria disse, seus personagens são feitos de ‘pedacinhos de gente, de humanidade...’ (LUFT in BRAIT, 1998, p. 80) que, como sedimentos, se acumulam no fundo de um rio, as vivências se depositam na mente para quando requisitadas reaparecerem de forma fragmentadas e serem transformadas em personagens. A escritora vai então unindo esses pedacinhos e criando uma tela em que tudo se junta para formar um só, o personagem de Lya Luft:

Há, porém, um outro componente [...]; nesse momento é que o escritor pode ser ‘visionário’ espelho de seu tempo, voz de seu povo; quando nele falam as angústias e Esperanças de uma humanidade muito maior do que a pequena e em geral desinteressante pessoa do escritor: é o inconsciente coletivo emergindo (BRAIT, 1998,p.81).

Lya Luft deixa claro em seus romances o descontentamento com relação ao papel social exercido pelo sexo feminino em nossa sociedade de base patriarcal. Por isso, faz questão de que seus escritos sejam uma forma de protesto, de desconstrução de paradigmas, sobretudo o que elegeu o homem como o centro em torno do qual tudo o mais gravita, e de descentralização do controle familiar e social falocêntrico. As mulheres luftianas “[...] foram geradas por uma consciência autoral amadurecida [...]”, amadurecida por que passou por diversos estágios evolutivos de transformação para ocupar o lugar principal de uma narrativa, tomando consciência de seus próprios dramas existenciais, mudando totalmente o foco de sua imagem e

[...] criando estratégias inteligentes para mudar mentalidades, percorrendo o árduo caminho da transformação psicológica e

construindo uma personalidade ideal para o convívio salutar e criativo com o Outro [...] (RIBEIRO, 2006, p.17).

Essas bravas e lutadoras mulheres cuja existência de papel deve servir como espelho para muitas mulheres no plano do real são definidas como heroínas. Por *heroína*, não estamos querendo dizer apenas a personagem que, sendo o centro da narrativa, faz com que todos os eventos da diegese girem em torno de si. Por heroína, entendemos, a partir dos pressupostos de psicologia analítica, ser aquela mulher, seja de carne e osso, seja de papel, que vai contra todos os preceitos e regras para vivenciar a sombra que há tanto tempo lhe acompanhava oculta sob a penumbra de uma vida submissa e que não mede esforços para resgatar seu verdadeiro self, ação necessária para que ele possa ser capaz de transformar o mundo ao seu redor, ser mais criativa e independente, características convencionadas como masculinas. Como afirma Zweig (*apud* Downing, 1998):

Hoje estamos em meio a este processo de transição. Muitas mulheres saíram de uma identificação inconsciente com o modelo feminino tradicional, adotando um estilo ativo, mais focalizado, 'masculino'.

Para realizar tal feito heroico, a mulher-heroína precisa saber unir os pares de opostos que a rondam, consciente e inconsciente, sombra e luz, homem e mulher internos. A heroína é, pois, a mulher forte que supera todos os desafios que se imponham a sua frente, que a cada drama sofre, chora, sangra, mas permanece de pé firme em seu propósito, que de cada provação sai com a alma fortalecida e integrada para continuar sua busca incessante rumo ao ser completo existente em seu interior, ou seja, rumo à sua individuação:

Enquanto está as voltas com a busca de renascimento, a heroína refaz seu caminho em espiral, e volta a questões antigas que não tinham sido examinadas em toda sua complexidade, naquela ocasião, por causa da conformidade social. (DOWNING, 1998, p. 208)

Nos romances de Lya Luft, muitas das vezes, o processo de evolução é desencadeado por situações ruins, não momentâneas, mas que se arrastam por anos, até por boa parte da vida da protagonista. Esta, após tanto desvelar-se por uma família que apenas a suga e deprime, resolve viver por si e em si e buscar o que realmente faz sentido na dolorosa jornada de sua vida. O algo que vem ferir o que já está em ruína desencadeia, geralmente na meia idade, o desejo de conhecer-se de verdade. As heroínas luftiana buscam-se em um jogo de sobe e desce da vida, transcorrem muitos caminhos dolorosos, sofrem perdas enormes, mas uma perda que se faz necessária para o conhecer a si mesma. Em alguns casos, não conseguem terminar a trajetória de integração e fracassam. Contudo, a tentativa não foi em vão, pois o ato de desencadear o processo de individuação já é, em si mesmo, heroico. Enfrentar as próprias barreiras, os próprios erros, deixar cair a máscara, aceitar a parte rejeitada de nós mesmos, entender e aliar-se ao sexo oposto dentro de nós, isso é o difícil exercício a que a individuação nos impele e que na obra de Lya Luft constitui um verdadeiro *leitmotiv*³.

³ Por leitmotiv, estamos entendendo “os motivos centrais que se repetem numa obra ou na totalidade de uma obra, de um poeta, ou prosador (MOISÉS, 1958:1:100).

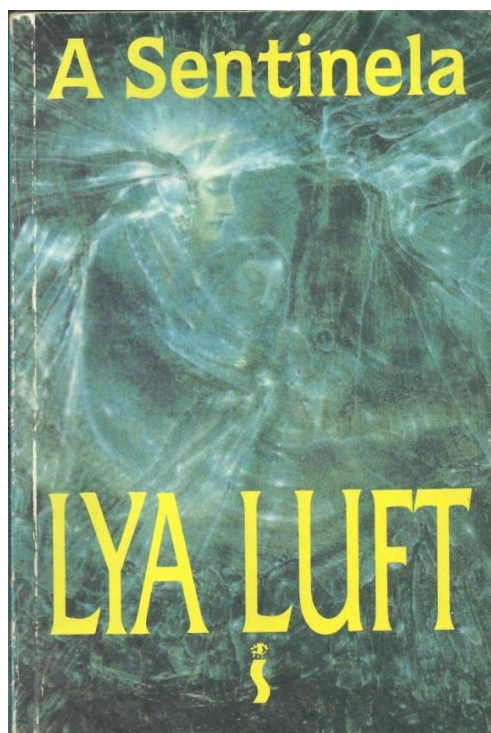
2.2 Entre teares, linhas e fios: tecendo a própria individuação

A individuação requer do indivíduo que este rompa o laço maternal que o prende a uma dependência sem fim, defrontando-se, assim, com o arquétipo da Grande Mãe da vida, ou o Grande Feminino⁴, que representa a proteção, a nutrição e a fertilidade. Perdendo tudo isso, vislumbra-se outro arquétipo muito importante no processo de individuação, a Morte, que representa o abandono à dor e ao sofrimento. Como já se pode entrever no item acima, a nossas reflexões apontavam para o fato de que a literatura de Lya Luft está repleta de personagens em individuação em busca da qual transitam entre a sanidade e a loucura, o amor e o sofrimento e circulam por um ambiente marcado pelo bem e pelo mal, pelo certo e pelo errado.

Considerando o que dissemos no parágrafo anterior e o que expusemos no primeiro capítulo deste trabalho, procuraremos, a partir de agora em diante, mostrar como o processo de individuação ocorre dentro da narrativa de *A sentinela*, penúltimo romance de Lya Luft, já que, recentemente, a autora lançou *O tigre na sombra*. Nosso intuito é ir percorrendo a trajetória da protagonista evidenciando as luzes e as trevas que marcam seu percurso em busca do ouro que está guardado e que só os que entram no final deste ciclo do processo de individuação conseguem receber como prêmio. Começemos, pois, chamando atenção para o título do romance. O que seria uma sentinela? Que significados este vocábulo pode ter e que podem estar relacionados aos eventos e às personagens do referido romance? Antes de respondermos a essas indagações suscitadas pelo título da obra, analisemos certos elementos paratextuais, como a capa, uma vez que analisar as impressões que a capa e o título nos provocam como leitores é de suma importância em estudos como este, pois muito pode-se retirar dessas partes do livro no processo de compreensão da obra como uma totalidade.

⁴ Grande mãe – Arquétipo correspondente à imagem primordial que condensa todas as experiências relacionadas à maternidade acumuladas pela humanidade ao longo dos séculos. Em sua polaridade positiva ou bondosa, esse arquétipo apresenta qualidades de amor, carinho, nutrição, estando ligada a todo impulso benigno que propicia crescimento e fertilidade. Negativamente, manifesta-se como a Mãe Terrível, devoradora, que aprisiona, asfixia, abandona; está ligada à escuridão e ao mundo dos mortos. (RIBEIRO, 2006, p. 139)

O exemplar analisado foi editado no ano de 1994 pela editora Siciliano. Possui capa de coloração predominantemente azulada com desenhos vagos e pouco precisos na cor branca dando efeito de luzes sob um fundo sombrio. Os desenhos em flashes mostram várias imagens que podem ser interpretadas como uma mulher/mãe que segura um homem/filho nos braços, passando uma impressão de semelhança com a imagem bíblica da virgem Maria ao segurar seu filho Jesus Cristo desacordado em seu colo materno. A mulher tem semblante resignado, olhos fechados. À frente desse casal, surge outra imagem luminescente de gênero não especificado que parece pairar na direção da genitora e seu rebento como um anjo a proteger-lhes. Ao fundo da cena, nas sombras, vê-se vagamente uma imagem masculina barbada, a modo de querer parecer um Deus/Zeus, mais distante, mas ainda a contemplar a cena:



A capa sugere, enfim, a presença de seres em uma atmosfera difusa, etérea, em um ambiente marcado pela presença do branco e do escuro sendo que este se sobrepõe àquele. Parece que a própria capa já antecipa o espaço por onde circulam os personagens da obra, um espaço pouco seguro, temeroso, que não oferece bases seguras, o espaço do inconsciente.

Quanto ao título dado ao romance, em sua definição dicionarizada, a palavra “sentinela” significa “soldado armado que guarda um posto”, alguém que vigia, é algo solitário, em lugar ermo, indivíduo isolado que está a olhar

para os outros, contemplando-os ou simplesmente adorando-os. Sentinela pode ser considerada como a noite que se passa em um local de velório que nos suscita a presença de escuridão e morte, tão presentes nas obras de Lya Luft. A noite escura da alma é, pois, o momento de descida aos locais escuros de nossa psique para extinguir questões antigas e enfim realizar-se em um novo ser. Mas que relação teria um título deste com a imagem descrita anteriormente? Uma pessoa que guarda ou aguarda, espera por algo ou alguém, por um gesto, um carinho, uma ação ou reação? Como a mãe com seu filho nos braços esperando um abraço, ou aquela imagem ao fundo esperando ser vista, ser percebida ou apenas resguardando os seus próximos? Parece-nos que o próprio título já evidencia em si mesmo ser a individuação uma das marcas do referido romance, uma vez que a sentinela pode ser a luz que serve de guia para os pegureiros, a luz em direção à qual parte o viajante perdido nas veredas do destino, nas tramas e sortilégios da vida. Para tanto, atenhamo-nos em alguns pontos do enredo que nos serão úteis para o prosseguimento de nossa análise e, possivelmente, corroborar essa impressão de leitura.

Ao adentrar na obra percebemos que ela não possui um sumário ou índice, mas um roteiro. O que pode, a princípio, não ser importante como chave de leitura, já que, em determinados contextos, *índice* e *roteiro* serem tomados como termos intercambiáveis. Todavia, por que o vocábulo roteiro, e não índice ou sumário, é o mais adequado para esta obra? Em se tratando de um romance que tem como tema a trajetória psicológica de uma personagem, a escolha do vocábulo roteiro é mais propícia ao enredo de tal obra, uma vez que tal termo significa caminho traçado, uma espécie de trajetória, um guia desse curso. A guiarmo-nos por tal roteiro, perceberemos que a trajetória da protagonista é marcada pela presença de teares, símbolos da estrutura, do movimento do universo, da construção, do tecer a si próprio, de pessoas com as quais Nora terá de se deparar e aprenderá a descobrir o melhor e o pior de si mesma. Eis, pois, o roteiro que Nora tem traçado para si ao longo do enredo de *A sentinela*:

Roteiro

- Os Teares, 9
- Elsa, 23
- Lilith, 41
- Mateus, 55
- João, 75
- Henrique, 91
- Lívia, 113
- Olga, 131
- Nora, 151

Percebe-se claramente que a sequência de nomes dá ao roteiro o formato de um caminho, que, como poderemos ver ao longo do enredo da obra, despontará para a protagonista como um pouco sinuoso, com altos e baixos, mas com começo e fim, o que pode nos indicar um desfecho favorável a nossa protagonista. Cada personagem intitula um capítulo, o que pressupõe ser cada um deles uma pedra ou uma luz no caminho de Nora. Enfim, tais personagens, como veremos mais adiante, podem contribuir para que a trajetória de Nora seja tranquila ou marcada por tribulações. O único capítulo que não tem nome de alguém é o primeiro “Os teares”. Sendo esse o primeiro capítulo, o fato de ele ser denominado de teares é muito importante para a leitura que propomos do referido romance, já que

“o trabalho de tecelagem é um trabalho de criação, é um parto [...], como se a tecelagem traduzisse em linguagem simples uma anatomia misteriosa do humano” (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2009, p. 872).

Em outras palavras, inferimos que o primeiro capítulo foi muito bem denominado de teares pela escritora porque este capítulo é o que marca o início do processo de individuação da protagonista ao final do qual se realizará o grande parto: Nora, despida de suas Personas, em harmonia com sua Sombra, consegue marchar em direção à luz, em busca de tocar o Self e, assim, constituir-se um ser inteiro, completo. Não é à toa que o último capítulo recebe o nome da protagonista. Ou seja, a jornada que se inicia com os teares

finda-se com Nora, o que nos sugere que toda a narrativa é essa jornada que Nora empreende em busca de si mesma, de conhecer o seu interior, de integrar, em um todo harmônico, as polaridades de sua psique. Mas, antes disso, é preciso deparar-se com os percalços no caminho em busca da individualidade, deparar-se com os medos, receios mais profundos que foram arrastados para o inconsciente, mas que, vivem, à espreita, à espera de um vacilo nosso para virem à tona e nos virarem do avesso.

Termos como *teares*, *tecer*, *fios*, *tapetes* se repetem diversas vezes durante a trama e se relacionam com Nora, que acaba por ser compelida a uma nova fase da vida. Esta se afigura para ela como um complexo bordado que ela terá de tecer/cuidar assim como cuidará da microempresa de tecelagem que pretende abrir. Como lembram Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 872), “Tecido, fio, tear, instrumentos que servem para fiar ou tecer são todos eles símbolos do destino. [...] Tecer é criar novas formas. Tecer não significa somente predestinar e reunir realidades diversas, mas criar, fazer sair de sua própria substância, exatamente como fez a aranha, que tira de si própria a sua teia. Quando o que afirmam os referidos autores é aplicado ao romance em análise, percebemos que, tal qual a aranha, senhora de seus fios e de seu próprio bordado, a protagonista põe seu tear para refazer a trama de sua vida modificando fios que foram impostos pelo tempo, pela família, pela sociedade e introduzindo outros fios de seu próprio gosto.

A *Sentinela* é um romance narrado em primeira pessoa, e conta, pois, com uma narradora autodiegética. A narradora-protagonista relata sua vida sob a forma de fluxo de consciência através de pensamentos, lamentos e divagações decorrentes das lembranças que surgem ao observar o cenário em que a maioria dos fatos ocorreu desde sua infância até a idade de 50 anos na qual está, idade essa que constitui a metade da vida e na qual, inevitavelmente, passamos pelo processo de metanóia, processo esse potencialmente produtivo que consiste na reforma da psique, isto é, um processo que funciona como espécie de auto-cura. Para tanto, é preciso deparamo-nos com nós mesmos e “fazer um caminho em espiral de volta a questões antigas que não tinham sido examinadas em toda sua complexidade, naquela ocasião por causa da conformidade social” (DOWNING, 1998, p.208).

Nessa jornada em que Nora tem de voltar para si própria, ela tem de enfrentar seus próprios demônios, o que faz voltando para a casa de sua infância, uma casa labirinto onde a narradora-protagonista viaja na obscuridade de suas lembranças, escuta as vozes de seu passado e tenta se achar em si mesma para desvendar sua própria história e retomar a posse de sua vida. Mais uma vez Lya Luft usa a casa como espaço principal e de muita importância em sua narrativa, a casa por si já possui uma simbologia de aconchego, abrigo, de mergulho no inconsciente e também renovação e, como diz Cunha (1999) (apud Castanheira, 2010), a casa funciona como “útero e concha nas flutuações da solidez”. Neste lugar, solitária, apesar de ter consigo o filho e a secretária do lar, Nora passa por momentos de mergulho em seu interior apenas quando está sozinha no casarão, local em que suas feridas reabrem para a incisão do bisturi da consciência e a possível retirada da dor. O casarão é o ventre de onde emana a dor e também de onde surge o renascimento, pois lá foram vividos muitos dos bons e maus momentos da vida de Nora, como ela mesma sente: “Estou ligada a essa casa como se ela manejassem os cordões da minha vida” (LUFT, 1994, p. 30)

A casa, igualmente à narradora-protagonista, passa por uma mudança e é renovada: sua fachada se modifica/moderniza, seu interior é reformado, mas sua essência se mantém, visto que a história que comporta em si por entre suas paredes, ao longo de seus corredores, continua ali, viva e é constantemente lembrada por Nora como forma de exorcizar os fantasmas que pairam pela casa e no interior de Nora de forma que eles possam ser transpostos e a vida possa seguir adiante com seus novos moradores, criando assim uma nova história, mais alegre e mais consciente assim como sua proprietária. Apenas um ponto dessa propriedade se mantém lúgubre e inalterado, ‘a gruta’ parte do jardim em que Nora, sua irmã e o corcunda brincavam, aí não foi ordenado nenhuma ação, Ela representa a barreira que Nora ainda não conseguiu superar e talvez nunca consiga. Até nesse ponto casa e proprietária se confundem, nova roupagem, novos conceitos e atitudes, mas algo ainda está ‘ali’, sombrio, à espera de uma ordem, de uma resolução, mesmo com a decisão de ser e estar renovado há, ainda, uma pequena porção de dúvidas e medos que necessitam de um olhar mais abrangente e cuidadoso para que nada lhe escape e tudo seja esmiuçado e devidamente limpo e

iluminado. A gruta representa o invólucro da sombra de Nora, o local do medo, da neblina, onde estão guardados antigos traumas desde a infância até a idade adulta, e o retorno a tal espaço é fruto da decisão de passar a limpo esse passado, de não sofrer mais por causa dele, de querer seguir em frente, de procurar sarar as feridas, sem maiores danos e poucas cicatrizes:

Preciso mandar limpar a gruta; remover todos os vestígios. Será talvez meu último exorcismo. Não faz sentido arrastar esse corpo morto; a suspeita de que Henrique esteja sonâmbulo, ou ande pela casa de madrugada, me fez mal. Não quero que nenhuma voz remota chegue até ele: nem pedido, nem lamento, nem ameaça. (LUFT, 1994, p. 78).

Nora se identifica com o trabalho de tecelã, na tapeçaria de sua vida sempre foi preciso valer-se de cautela: escolher bem os fios, as telas e texturas, manusear com cuidado, fazer e desfazer insistentemente, pois toda vida se viu envolvida em complexas tramas de dor e em emaranhado de relações difíceis e está numa fase de desmanche de pontos errados para consertar e concretizar uma nova e linda peça bordada. Ao retornar para o casarão, ela sente-se como se estivesse pagando uma dívida ao seu pai, lembra como ele gostava daquele lugar:

— Eu mesmo plantei cada árvore, menos aquela porque já estava aqui — dizia Mateus, orgulhoso: amava esse lugar. Assim reinstala, tendo comprado de volta esta sua casa, de alguma forma o recompensei por ter desejado que Lilith desaparecesse, que me cedesse seu lugar. Sinto que devo isso ao meu pai, esse retorno. (LUFT, 1994, p. 93)

A trama acontece no período cronológico de apenas um dia na vida da narradora, dia, aliás, que antecede a abertura de seu ateliê de tecelagem na antiga residência da família, onde Nora voltou a morar há pouco tempo juntamente com o filho Henrique e a secretária doméstica Rosa. Aqui, lembremos Aristóteles em cuja Poética, ao falar da unidade de tempo, afirma que um só dia é o suficiente para que se dê “a mudança do infortúnio para a fortuna, ou da fortuna para o infortúnio”. No caso de Nora, ela de fato precisa

apenas de um único dia para colocar em xeque toda a sua existência e dar início ao seu processo de individuação, o qual emerge sempre que passamos por situações que nos são muito significativas psicologicamente. E a inauguração do ateliê se afigura para Nora como um evento significativo capaz de pô-la em individuação. Por isso, entre fios e tecelagens, Nora mergulha em seu passado sombrio, cheio de nuvens negras e lembranças ressentidas que precisam ser trabalhadas à luz da consciência para que a narradora-protagonista possa chegar ao seu Self. Antes do amanhecer se completar no dia de Nora, o que pode sinalizar que ela está em processo de *Katabásis*, vivendo a noite escura de sua alma, ela levanta-se e começa suas divagações sobre sua vida, vai ao fundo do poço, “às câmaras escuras da morte, voltando ao caos para que se processe a dissolução das formas antigas de vida e ressurgam um novo ser transformado” (RIBEIRO, 2006, p.141). Esse dia vai terminar seu ciclo de reciclagem íntima e marcará o fim das considerações sobre quem ela é, quem foram e o que representaram todas as pessoas que passaram sua vida:

[...] ainda não concluí minha revisão; não há só pensamentos doloridos; muita coisa ressuma sensualidade e cor, João é parte disso, fica do lado ensolarado de minha vida. Recostada na cadeira de balanço de Ana, observo meu quarto: não é mais o de uma menina, mas de alguém que perdeu pedaços pela vida, recolheu o que podia, e trouxe para cá. Que demorou para se livrar dos sapatos de criança que estorvavam seu passo. Muita disciplina deixa o corpo triste. (LUFT, 1994, p.77).

No início do dia, Nora contempla a sala do alto da escada e se vê socialmente como uma empresária bem sucedida, resolvida e decidida. Todavia, apercebe-se que esconde uma pessoa emocionalmente fragilizada que durante a vida sofreu fortes e duros golpes que a marcaram e cujas marcas ela nunca conseguiu apagar. Apenas no escuro do local, ela vê seu passado misturado com presente em um misto de memórias boas e más que flutuam em sua mente:

Esta penumbrosa laguna, que hoje é minha sala, meu ateliê de tecelagem, antigamente recebia os amigos de Mateus, as raras amigas de Elsa; fervilhava nas festas que davam, ecoava de vozes adultas, abraços, risos, o vozeirão de meu pai. Também abrigou num tremendo silêncio, todos que vieram ver Lilith em seu caixão branco, e, dois anos depois, o de Mateus, que era preto (pequeno demais para sua estatura) (LUFT, 1994, p.14)

A imagem na capa do romance sobre a qual tecemos alguns comentários descreve perfeitamente a protagonista da trama de Lya Luft. Nora é uma pessoa que desde criança passa por situações difíceis na infância. Ela é claramente rejeitada pela mãe, a qual dedica todo seu amor à filha mais velha, e perde sua irmã ainda muito jovem por cuja morte sente-se culpada. Além disso, perde também o pai, única fonte de carinho e atenção. Por isso, Nora sente-se desolada, sozinha e abandonada. Por conta dessa vida turbulenta e estressante, ela desenvolve um eu reprimido, uma sombra espessa, cheia de características boas reprimidas e de coerções e abandonos sofridos ao longo da vida. Psicologicamente, Nora está em busca de sua sentinela, isto é, ávida por alguém que a faça se sentir amada, protegida, necessidades essas que ela suprirá quando se descobrir um ser completo, inteiro, que chegou ao Self. Para que chegue a este ponto, ela necessita entender-se com a sombra, pois lá reside o tão aguardado Self, assim como diz Neumann:

O self fica escondido na sombra; ela é guardiã dos portais, a guardiã da entrada. O caminho para o self é através dela; por trás do aspecto escuro que ela representa está o aspecto da totalidade, e é só fazendo amizade com a sombra que ganhamos a amizade do self. (NEUMANN apud ZWEIG e ABRAMS, 1991, p. 30).

Com a ultrapassagem deste arquétipo mais uma etapa se descortina no ciclo de individuação de nossa protagonista, o caminho se abre e ela o percorrerá em busca de uma nova mulher.

2.3 Personagens, personas e sombras: vários fios, um mesmo bordado ou com que fios tecer a vida?

Ao todo, os personagens que aparecem na trama de *A sentinela* e preenchem a vida de Nora são onze. Porém, apenas oito deles têm influência direta sobre a vida da narradora e ganham destaque dando nome aos capítulos que entrelaçam todo o romance. Elsa, a mãe, Lilith, a irmã má, Matheus, o pai, João, o amado, Henrique, o filho, Lívia, a filha de João e Olga, a meia irmã têm papel fundamental na trajetória de Nora. Cada um deles tem uma parcela de responsabilidade na vida da protagonista e no caminho que ela escolheu para enfrentar, e vencer, as barreiras em busca do autoconhecimento. A nossa análise do percurso de Nora em direção à individuação procurará seguir o trajeto que já vem delineado na própria obra em cujo índice temos os estágios de tal roteiro. No primeiro dele, Nora tem de deparar-se com a própria mãe: Elsa. É perceptível o tormento da narradora-protagonista em relação à mãe e à rejeição que sofre dela. Nossa narradora sempre quis ter uma mãe que correspondesse aos predicados que em nosso imaginário são atribuídos à figura materna: bondade, carinho, abnegação. Elsa não correspondia a isso. Ela sempre rejeitou Nora e mostrou, por muitas vezes, a preferência pela filha mais velha, Lilith. Certa ocasião, Elsa não deixou de humilhar a filha quando esta foi fazer-lhe uma visita no aniversário de cinquenta anos. Esperando da mãe pelo menos uma felicitação, mínima que fosse, uma demonstração de carinho, pela qual tanto ansiou, ao invés disso, o que recebeu foi a frase fria e cruel, típica de Elsa: “ — Nessa noite entrou em minha vida uma intrusa” (LUFT, 1994, p. 27).

Para Elsa, a filha mais nova não passava de uma estranha em casa, alguém que ela não queria, não conhecia e de quem não gostava. As duas estavam sempre brigando, e a mãe fazia questão de ressaltar as características ruins da filha. Após a morte da irmã, Nora pensou que se tornaria mais querida pela mãe, porém isso não aconteceu:

Passei a ter esperança de conquistar um lugar meu na casa, no coração de meus pais [...] (LUFT, 1994, p. 58).

.....
Achei que Elsa me chamaria de ‘minha princesa’ e não ‘essa menina aí’ (LUFT,1994, 58)

Minhas tímidas iniciativas de consolar Elsa foram sempre repelidas, só faltava ela dizer que era um atrevimento eu estar viva, comendo, bebendo, indo a escola, quando a filha amada se fora.(LUFT, 1994, p. 59)

Mas depois minha mãe passou a ficar muito interessada em mim. Gritos, tapas, xingamentos, eram meu inferno quase cotidiano; e, sempre, a sensação de ser espionada: Elsa me controlava a cada passo; eu não tinha sossego nem em meu quarto, minha mãe entrava, sem bater (eu não tinha permissão para passar a chave), abria a porta num arranco, reclamava: a janela estava fechada, ou aberta, o armário em desordem. (LUFT, 1994, p. 59)

Nora, ao relembrar sua história de vida, percebe que poucas foram vezes em que chamou Elsa de mãe. Sempre se referia a ela pelo nome próprio, com tristeza e ressentimento:

Inesquecível a expressão de seu rosto de boneca, ao observar juntos o marido e a enteada [Olga]: nenhuma afeição, todos os matizes do desprezo.

Elsa nunca mostrara interesse pelo neto. ‘Não me sinto avó’, afirmava, ridícula. [...] Elsa fechava a cara. Não gostava da sogra, achava que cheirava mal, não tinha modos a mesa[...] Elsa mandou preparar um quarto comprido e mal iluminado, no térreo, do lado da lavanderia [para Ana, a sogra](LUFT, 1994, p.22;39).

Ainda que o tempo passasse, Elsa não mudava. Sempre com seu jeito frio e indiferente, ela nunca deu atenção a nada que vinha da filha ou de quem ela gostasse. Fazia questão de inferiorizar as pessoas. Até mesmo o neto era tratado por ela como um brinquedo do qual logo enjoava. Não era mãe, consoante a ideia disseminada em nossa cultura sobre ser mãe. Apenas era genitora de Nora, como afirmou sua irmã Olga: “— Ela te pariu, mas nunca adotou você como filha [...] para esse parto não existe fórceps” (LUFT, 1994, p.18). A rejeição da mãe causou em Nora grande trauma fazendo-a deparar-se com o arquétipo da Mãe terrível, que, em vez de acalantar, repreende; de dar

carinho, agride, aprisiona e asfixia. Isso deixou em Nora um sentimento de abandono que a acompanhou por toda a vida, como uma lacuna que a todo custo ela tentou preencher, porém nunca obtendo a quantidade esperada de carinho.

Se Elsa era a mãe de quem Nora procurava se aproximar, Lilith era a irmã que a protagonista procurava ser. Para Downing, a irmã e o irmão são o que Jung chamaria de arquétipos “[...] pois estão presentes na nossa vida psíquica independentemente das experiências literais que tenhamos[...]” (DOWNING,1998 p.115). Lilith representa, pois, tudo o que Nora não era. “Esta tão semelhante a mim é, inelutavelmente, *outra*” (DOWNING,1998, p.114). Toda vez que a narradora-protagonista lembra passagens de sua infância, ela mostra e até admite que sentia inveja dessa sua irmã. Mas se Lilith era o ideal sonhado por Nora, aquela possuía características que causa repulsa a esta. Mas tais características evidenciam que, no confronto com a irmã, os conteúdos reprimidos por Nora vinham à tona e deixam mais claras as partes sombrias que compõe a natureza da psique da protagonista:

Eu admirava [Lilith]: atrevida, fingida, sabia conduzir as coisas de modo a que tudo acabasse bem para ela: alguma maldade na escola, uma desobediência grave em casa. Facilmente passava a culpa para mim [...] (LUFT, 1994, p.45).

As memórias dos momentos de brincadeiras entre a irmã mais velha, Lilith, a mais nova, Nora e Lino, o filho da mulher encarregada de lavar as roupas da família nos quais Lilith era sempre a líder, a chefe, a que mandava nos outros que por sua vez a obedeciam pronta e submissamente deixam Nora aborrecida por ver a irmã mais velha ordenando como por hipnotismo e também sendo obedecida pela caçula em todos os desmandos e joguinhos. “Nunca entendi essa devoção canina que alguns de nós tínhamos por ela, essa complacência com seu lado perverso, o lado noturno que toda criança tem, mas nela dominava” (LUFT, 1994, p.47). Nora desenvolveu com Lilith muito mais laços de rivalidade, do que de irmandade afetuosa, já que esta era para aquela a mais bonita, a mais inteligente e a mais querida pela mãe. Lilith foi

imposta a Nora ou Nora a Lilith, eram diferentes e pouco pareciam irmãs, viviam uma relação desgastante para a protagonista:

A irmã é diferente até mesmo das amiguinhas mais próximas (embora essa amiga possa muitas vezes servir como irmã substituta), pois a condição de ser irmã é um relacionamento imposto, não escolhido. (DOWNING, 1998, p.115)

Lilith, porém, teve a vida interrompida muito cedo, por quase que “mais um dos seus gostos”, já que pelas próprias mãos se enforcou para mais uma vez se fazer notar na frente dos outros. Mesmo com sua morte, ela ainda permaneceu no controle da casa e da família e para a mãe continuava sendo a melhor filha:

Sentia-me um pouco vingada, vendo Lilith infeliz: então ela também era vulnerável. Mas quando morreu, dias depois, o remorso bafejou minhas costas.

Assim, eu a tornei imortal. (LUFT, 1994, p.51).

Mas Lilith continuaria a grande presença: Elsa mandara pintar um quadro dela um retrato em tamanho quase natural, baseado numa fotografia: Lilith imperava na sala, como outrora na gruta, serafim a frente, os dois com suas pupilas hirtas. (LUFT, 1994, 47).

Mesmo depois da tragédia que se abatera sobre a família, a presença de Lilith era incontestável e seus efeitos de certo modo monstruosos continuaram a ressoar na vida de Nora: a mãe passou a desprezá-la ainda mais, e o pai, fechado em si, fez o que lhe mandara fazer a esposa – colocar a filha mais nova em um colégio interno. Essa filha, Nora, logicamente a mais afetada, além de perder a irmã, por quem nutria sentimentos fortes e controversos, ainda perdeu todo o resto de sua família e vida, pois, após o que aconteceu com Lilith, Nora foi privada do convívio familiar, da casa que adorava, da vida que conhecia e, mesmo nas férias, quando voltava para casa, não era a mesma coisa: o menosprezo que lhe tinham a deixava ainda mais distante do ideal de família que ela alimentava.

Lilith representa na vida da irmã um fantasma que a persegue por toda a vida. A própria Nora não a deixa se afastar. Lembra-se dela constantemente e

faz questão de remexer o passado e rememorar que sua irmã sempre fora melhor: “Lilith, minha irmã, que assombrou minha infância, roubou meus afetos, dominava a todos com sua indiferença: quem não seria atraído por seus olhos amarelos de expressão perversa?” (LUFT, 1994, p.12). Era, pois, a sombra que tinha de ser dissipada para que a luz se instaurasse na caverna do inconsciente de Nora.

Se essas duas personagens femininas desempenham papel relevante na caminhada de Nora em direção à luz e à harmonia interior, os personagens masculinos têm extrema participação afetiva na vida dela. Mas, assim como a relação com a mãe e a irmã foi marcada por frustrações, a relação de Nora com os homens ao seu redor não foi menos frustrante. Com o pai Mateus, cuja morte é simbolicamente representada no início do romance, dividia pequenos momentos de alegria que não eram suficientes para preencher a lacuna deixada pela ausência de amor e carinho maternos. Com o namorado João, viveu uma tórrida e conturbada paixão. Ele foi seu primeiro e ‘praticamente’ único amor. Com o marido Jaime, teve uma relação superficial e amena que, embora houvesse carinho entre eles, não fazia Nora se sentir completa. Sua relação com o marido, assim como a sua própria vida, era sentida como vazia, em falta, lacunas a serem preenchidas. Por fim, com o filho Henrique, ela não consegue se entender e tem conflitos diários. Todos os homens da vida de nossa narradora exerceram papéis distintos em sua vida. Contudo, em todos eles, Nora procura a mesma coisa: preencher a enorme carência como filha, mãe, esposa, enfim, como mulher. A nosso ver, todos os seres masculinos ao redor de Nora, ao longo de seus cinquenta anos, formam o masculino interior dela, seu animus, com o qual ela se debate e procura se unir para se completar. A primeira figura masculina em sua vida, seu pai, era a única fonte de carinho e afeto. Junto dele, ela se sentia acolhida e aceita da maneira como era:

Passei momentos deliciosos com meu pai, especialmente quando me deixava ficar lendo ou vendo figuras em seu escritório, perto dele. Muitas vezes eu nem virava as folhas: apenas ficava ali, segura, tranqüila sentindo o cheiro das poltronas de couro, dos livros, da água de colônia dele (LUFT, 1994, p.67).

Mateus é o homem da casa, pai da família, provedor do lar, mas um homem inconstante e de sentimentos conturbados. Na fazenda, lugar de que gostava muito, ele se caracteriza pelo jeito forte, confiante, decidido, de passos largos e firmes, voz grave e alta, sempre feliz, cavalgando e cuidado de tudo, porém em casa ele se anula diante do poder de Elsa, cujas vontades realizava sem questionar. Ele era sempre submisso e complacente com as ordens da esposa, fossem elas quais fossem. Na relação Elsa e Mateus, a autora, inverte a ordem patriarcal, colocando no poder de mando a mulher, mas mostra que essa pode ser tão opressora quanto o homem. Apesar de transferido o poder sobre a família para a esposa, o patriarcado permanece incólume na casa de Nora, pois pior que um homem era Elsa, mandona e perversa, querendo e fazendo seus desejos sobre os outros integrantes da família. Menosprezando a todos como se nada fossem, sua maneira de reger uma família pouco se diferencia do falocentrismo tradicional.

O fato de Mateus aceitar sempre as decisões de Elsa, castigando a filha caçula por desobediência e maus feitos, dos quais muitas vezes ela nem tinha a culpa, sem pelo menos questionar a veracidade das acusações, causou em Nora certa desconfiança com relação ao pai e incutiu-lhe a dúvida se ao menos este a amava, ou por que fazia aquilo com ela, sentia omissão por ser conivente com as crueldades de Elsa:

Talvez Mateus tenha sentido alguma culpa por realmente não me proteger; por deixar que Elsa me tratasse tão mal; por finalmente me botar num internato, quando eu nem tinha saído direito da infância, tudo por exigência de minha mãe (LUFT, 1994, p.16).

Ao longo de sua trajetória, entre os fios da memória, Nora vai se percebendo como para seus pais ela era inútil dentro de casa, invisível para os afetos deles que apenas a viam quando era pra reclamar ou castigá-la. Ela se apercebe de que sempre foi órfã e, como tal, criou um mundo estranho e contraditório dentro do qual viveu e só saía quando sentia a presença do pai:

[...] era Mateus quem me propiciava segurança: bastava ele entrar em casa e, insone em meu quarto, eu me sentia melhor, meu mundo estava em ordem. Meus vários fracassos do dia, a perseguição de Elsa, as loucuras de Lilith perdiam a importância (LUFT, 1994, p.18).

É esse mundo interior, zona de conforto criada contra as agruras do mundo exterior, que precisa ser ressignificado para que Nora possa conciliar-se consigo mesma e chegar à individuação. Mas não será tão fácil tornar-se uma personalidade indivisível, uma vez que a ligação com a mãe e com as lembranças de infância torna árdua qualquer tentativa de amadurecimento e autoconhecimento empreendida por Nora. Mesmo assim, ela já deu o primeiro passo. Aos cinquenta anos, ela sente que não pode mais voltar atrás. Sua individuação já fora desencadeada. Projeções começaram a ser desfeitas, personas passaram a ser rasgadas e sombras dissipadas para que a luz da consciência irradiasse por todo o ser de Nora. A individuação se afigura para ela, como para todos nós, em um doloroso caminho por entre trevas e espinhos em direção à luz que brilha distante, mas que não é inalcançável. No final da jornada, brilha o pote de ouro escondido na caverna do nosso inconsciente e é isso que Nora vê quando amanhece o dia:

Levanto-me, inquieta, ando pela sala como numa gruta mal iluminada: amanhã vou brincar de rainha, aqui será meu reino, mas não haverá escravos nem bobo da corte. (LUFT, 1994, p.35)

Volto para meu lugar no escuro e observo a manhã desvendando um a um os meus objetos: como se tudo nascesse agora, como se fosse o primeiro dia sobre a terra. (LUFT, 1994, p.35).

Após a morte de seu pai, Nora sente ainda mais a ausência de alguém que demonstre afeto por ela. Quando soube da gravidez, tudo voltou a se iluminar e surgiu a esperança de terem quem derramar todo o seu sentimento de criança exilada da própria família, que cresceu com o interior vazio de amor. O filho seria para ela o alguém que poderia substituir o lugar deixado por Mateus, o avô:

“Com o filho, Nora tenta compensar a falta de afetividade que permeia a sua trajetória de sujeito que busca uma identidade

sufocada na infância e que só se constrói a partir de um novo olhar sobre o cotidiano no qual se encena” (PAES, 2007, p.142).

Henrique é a presentificação desse passado. É a volta do passado que se tenta corrigir no presente. Ele é para a mãe um misto das pessoas de seu passado, uma janela por onde a narradora vê as pessoas marcantes de sua vida:

O rosto de Henrique é Lilith; os olhos, Mateus: a vida trança seus fios arcaicos, o que é belo mas assusta.

De costas não se parece tanto com Lilith: o perfil dela, o jeito de olhar de baixo, sedutor, são dela; mas a estranha cor dos olhos – essa, herdou de meu pai; é Mateus atrás dessa bela máscara juvenil.(LUFT, 1994, p.16;44).

Henrique foi uma criança criada com afeto em demasia da mãe e desde que nasceu se tornou o eixo da vida de Nora, porém sempre achou exagerado o cuidado da mãe com ele:

— Mãe, estou cansado. Farto! Eu sei que você me ama, que sou o que lhe restou na vida, eu sei, eu sei! Mas me deixe em paz, por amor de Deus. (LUFT, 1994, p.111)

Segundo Paes (2007, p.148), Nora, “Em relação ao filho, comporta-se qual uma sentinela, buscando respostas para as suas preocupações ou suspeitas do que não pôde ficar no próprio curso.” Mas Henrique é diferente e quer exercer sua diferença, construir caminhos inerentes ao seu pensar, alçar voos divergentes dos que a mãe planejara. Ele quer esquecer que ela estava sempre questionando os comportamentos dele, os amigos, os gostos. O filho queria se sobressair, mostrar-se como indivíduo diferente da mãe, com vida própria. Nora não se apercebe de que, agindo assim, estava sendo tão cruel quanto fora Elsa, sua própria mãe.

Quando já era adulto, aos 19 anos, terminou o 2º grau, tardiamente, para a mãe e resolveu viajar, mesmo contra a vontade de Nora, pois tinha alma aventureira e já não tolerava os excessos advindos dela: “Nora busca a solidariedade e a afetividade perdidas do pai, no filho; investindo o seu amor ou excesso de preocupação, de forma sufocante” (PAES, 2007, p.131). Após essa

primeira viagem, Henrique se libertou cada vez mais das amarras da mãe e passou a estar sempre em viagem e temporadas em casas de amigos. Depois de uma briga enorme, quando o filho disse tudo que estava engasgado sobre a mãe, ele saiu de casa por um período mais longo e só voltou depois que Nora se reinstalou na antiga casa da família, o local de dor é o local de cura. Henrique tal qual a mãe representa a diferença na família, seu jeito feminino e preferências e atitudes que divergem da concepção patriarcalista que Nora carrega de Mateus. O filho é em sua juventude modelo de transgressão e tentativa de diferenciação, assim como Nora foi, em seus tempos de infância e adolescência e estranhamente estava corriqueiramente acostumada a coibir as ações inovadoras do filho, exercendo papel semelhante ao de seus pais outrora, porém com seu próprio esclarecimento percebeu que não era certo reprimir o filho e quando ele retornou, os mesmos entenderam-se com relação a este assunto.

Talvez essa seja minha última oportunidade de conviver com ele: deixar que mergulhe, que vá. [...]

[...] estava com saudade [...] da minha eterna vigília.

— Mas eu não Sou mais assim...

— Eu sei, dona Nora, eu sei.

Henrique quer ser deixado em paz; quer ser amado como é; tocando homenageia a vida, quando eu estava presa na morte; quer fazer o mesmo que eu, urdindo meus fios [...]. (LUFT, 1994, p.162)

Quando deixa que seu filho viva, arrebatando as correntes que o mantinha junto a si, Nora retira a máscara de mãe super protetora, que escondia apenas uma pessoa insegura e medrosa.

João, o eterno namorado de Nora, junta-se aos outros homens presentes na vida dela para formar seu *animus*, arquétipo masculino com o qual a nossa heroína nunca se relacionou bem, pois, como já explicitado antes, as relações como o masculino não foram bem sucedidas. Não diferente dos outros, Nora busca em João preencher a lacuna deixada por sua mãe, também o vê como uma espécie de troféu ganhado em combate com Lilith, pois Elsa o queria para a filha mais velha: “João, o primeiro homem que amei e que minha mãe provavelmente pretendia como vítima para sua filha predileta. Mas Lilith não o conseguiu, e muito depois ele foi meu [...]” (LUFT, 1994, p.13). Apesar

das intenções de Elsa com relação a João e Lilith, ele não expressava interesse amoroso pela garota e achava-a “[...] uma menina estranha; atraente em algumas coisas, mas... sei lá. Dava medo [...] não parecia criança. Parecia uma adulta baixinha e magra. Maluca” (LUFT, 1994, p. 21). O engenheiro de minas sentia-se culpado pela morte da adolescente, pois ela faleceu com um truque que ele ensinou. Por isso, afastou-se de Nora e dos demais de sua família após a trágica morte de Lilith. Muitos anos depois, tornou a aparecer na cidade e encantou-se por Nora. Como ela sempre foi apaixonada por ele, logo começaram um intenso namoro.

Em seu relacionamento com João, Nora desfez as amarras da infância de sofrimento e exílio e conseguiu se realizar como mulher. Ela sempre fora fascinada por ele. Para Nora, João “era sedutor, sensual, alegre, ansioso por viver. Tinha bom humor, e acessos de ternura em que se comovia até as lágrimas [...]” (LUFT, 1994, p. 80). Isso era tudo que ela desejava, ou seja, uma pessoa cheia de bons sentimentos que a cercasse de amor, carinho e atenção, mas por outro lado “[...] havia nele, também, alguma coisa esquiva, resistente, renitente, à parte; medo de se entregar demais, de se prender.” (LUFT, 1994, p. 81), o que a deixava tensa e com medo de seus afastamentos. Apesar de querer se enganar, Nora sabia que ao lado do namorado não poderia ter um futuro estável, tendo em vista que ele não tinha paradeiro por conta das viagens de trabalho e não poderia oferecer a ela a segurança que tanto desejava. A intransigência demonstrada pelo rapaz em fixar um relacionamento com Nora reflete o receio pela troca de postura entre masculino e feminino, na qual o homem coloca-se na posição de comodidade em detrimento de seu poder masculino patriarcalista, porém luta com toda sua força contra essa mudança e reage mal às investidas da namorada. Para Tomaz (2009): “A dificuldade masculina de urdir um discurso sobre a relação amorosa pode ser entendida como um a forma de o homem manter a potência fálica, ou como medo diante da imprevisibilidade do desejo” (2009, p.157).

Em sua ânsia louca de preencher-se, após pouco mais de dois anos de namoro, das idas e vindas de João, Nora falou-lhe em casamento, assunto esse que o assustou e atormentou. Apesar de gostar muito da namorada, não passava pela cabeça de João casar-se, fixar residência e parar com suas

viagens. A extrema carência da mulher e o senso de liberdade do homem os fizeram discutir e se magoarem mutuamente:

De repente, estava muito cansado; e tudo perdera a graça, a chama se consumira, nem eu tinha mais força para reagir. Ele se virou e, sem olhar para mim, saiu do quarto.

Ainda ouvi seu passo na escada, e a porta da casa batendo, e o carro que partira. Nem ao menos houve uma despedida (LUFT, 1994, p.88).

João das minas, como era conhecido, era um homem do mundo, gostava de fato de se entranhar nas cavidades da terra, sempre em lugares longínquos. Apesar de fazer Nora sofrer e ser responsável por parte de suas decepções, ele mostra também um sofrimento por deixá-la, mesmo tentando impor-se como homem e não querendo mostrar seus medos, desejos, sua solidão.

No tabuleiro da vida de Nora, Rosa foi a sua fiel escudeira. A secretária doméstica acompanha Nora há bastante tempo, é sua companheira, lhe dá conselhos. Apesar de ser um personagem secundário e não entrar no roteiro de caminhada de Nora, ela, de certo modo, substitui a mãe que a narradora não teve. É uma mulher simples que parece enxergar as coisas que os outros não veem, entende pelo olhar, pela observação. Henrique brincava dizendo que ela era uma bruxa, quando a secretária do lar fala que o via sonambulando pela casa de madrugada:

— A Rosa! Bom a Rosa vê fantasma até ao meio dia. [...] — Mãe, para Rosa tudo é muito esquisito. É meio bruxa, a gente sabe disso. Cuidado, qualquer hora baixa o santo aqui na cozinha, vocês duas saem rodopiando. (LUFT, 1994, p.44).

Rosa representa as pessoas que têm o lado sensível para compreender as coisas da vida mais aguçado. Ela é o ser aberto à compreensão do intangível, do que não pode ser compreendido à luz da racionalidade.

Jaime é um personagem secundário, apesar da sua importância para a vida da protagonista, é o pai do seu filho, o homem que lhe deu o ser que viria para quem sabe finalmente acabar com a carência de Nora, também proporcionou, à nossa protagonista, momentos de segurança e paz, sentimentos que ela nunca tivera até então. Era um homem que trazia consigo essência simples, além de temperamento calmo, educação e gentileza. Ele fazia bem a Nora, não se viam discussões entre marido e mulher, até porque não houve tempo para tais desentendimentos, haja vista que sua vida era de muito trabalho como piloto de aviação comercial e sua morte veio precocemente, deixando Nora viúva, mas com o filho Henrique que para ela supriria a ausência do marido, que não representava para a esposa tão alto sentimento. De certo ponto de vista, o casamento com Jaime foi o início da volta por cima de Nora, com isto ela pode recomeçar e segurar as rédeas da própria vida: “Nunca tive tanta segurança quanto nos anos que passamos juntos. Segurança e paz. Talvez não me bastasse, mas depois que ele morreu percebi o quanto me fizera bem.” (LUFT, 1994, p.94)

Nenhum dos capítulos do romance é denominado de Jaime o que mostra claramente que esse personagem foi apenas um instrumento usado por Nora para atenuar sua vida de sofrimentos constantes, vendo que João das Minas, o grande amor de sua vida, refazia sua vida, ela casou-se também para tentar esquecê-lo. Como já exposto, o casamento com um homem pacato trouxe-lhe garantia de uma vida tranquila e deu-lhe seu bem mais precioso – o filho, Henrique, mas este relacionamento nunca teve intensidade igual ao amor forte e voraz que nutria por seu primeiro namorado, sendo sempre superficial e morno:

Como se ausentasse muito por causa da profissão, também me deixava bastante livre; ainda que eu nada fizesse de especial com essa liberdade, era bom: eu receava um casamento que me oprimisse.

Mas não fui realmente feliz com ele; talvez tivesse decretado que, depois de João, não haveria mais felicidade pessoal para mim. (LUFT, 1994, p.94).

Olga, assim como Nora, representa um novo paradigma de personagem feminina nas obras de Lya Luft. Ela é solar e leve. Mesmo com tamanha carga de responsabilidade sobre a irmã caçula, consegue ser o que espera a autora de uma mulher do século XX: independente, guerreira, altruísta, forte e decidida, capaz de conciliar os diversos papéis da mulher moderna, ser esposa, mãe, profissional sem deixar de cuidar do seu íntimo feminino. Diferentemente de Nora, Olga não tinha interesse, medo ou qualquer outro sentimento que a prendesse à segunda esposa de seu pai ou a Lilith e sempre as tratou como quaisquer pessoas. Elas não exerciam qualquer influência controle sobre Olga, ao contrário do que aconteciam com as demais pessoas da família que não conseguiam fugir do campo de dominação de Elsa ou de Lilith. Certamente sua personalidade independente e a distancia da casa a ajudaram nesse afastamento necessário da sedutora Lilith e da perversa Elsa. Em suas palavras:

— Eu a achava [Lilith] uma menina sempre presa na saia da mãe, magrela, doentia. Ela era chata? Esqueça. Pense em você hoje. Livre-se dessas fumaças do passado, da infância, Nora. Elsa era histórica, sua irmã meio maluca, esqueça. (LUFT, 1994, p. 20).

Até aqui falamos dos personagens que compõem a obra e que foram importantes na trajetória de Nora e que estavam relacionados à família, aos amores e amigos que constituíram o caminho por onde trilhou nossa heroína até chegar ao ponto final. Mas que ponto seria esse? O roteiro já nos diz, esse ponto é ela mesma, seu self, seu interior, a luz no fim do túnel. Será que ela conseguiu completar esse ciclo do processo ao qual viemos nos referindo em todo o trabalho? Será que ela conseguiu se entender com seu passado, ultrapassar seus medos, vencer seus fantasmas? Libertar-se desse vínculo doentio com a irmã morta e a mãe? Com o passar dos anos, Nora mudou, deixou certos conceitos e pessoas que só lhe faziam retroagir. Ela cresceu, evoluiu, isso faz parte do ciclo da vida e nas voltas do mundo ela aprendeu a superar obstáculos que antes lhe pareciam imensos e passou a alcançar sonhos e objetivos inatingíveis.

Depois de tantos percalços, ela viu que tinha de mudar o formato da tapeçaria de sua nova vida, dar a esta novos fios em cores alegres e vibrantes. Por isso, Nora decidiu por em xeque todas as experiências que tinha acumulado em sua vida, começando pela atitude de voltar a sua antiga casa de cujas paredes emergem memórias de todos os traumas vividos durante a infância e parte da vida adulta, mas também de onde vêm doces lembranças. Afinal, “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz” (BACHELARD *apud* SILVA, 2006, p. 181). Como já expusemos ao longo de nossa análise, Nora reviveu sua caminhada por meio de memórias suscitadas por locais e objetos do antigo casarão e pôde fazer desse embate algo salutar e revigorante, uma escada para o andar de cima de sua alma. Dispersa na sua viagem em espiral, Nora mal percebe que o tempo passa, suas tecelãs chegam e é preciso tomar decisões na atualidade, que servem também para o passado e para o futuro, o barulho do cortador de grama interrompe seu transe, cortar ou não o mato da gruta, do passado, da sombra?

Nora deixa de viver baseada em fantasmas do passado que a atormentaram por toda a vida e começa a reger seu novo ciclo de vida ao lado de Henrique e Olga, que sempre foi a mãe que ela precisou e não teve. A irmã mais velha adotou a mais nova e desempenhou durante muito tempo o papel da mãe, que Nora não teve devido sua situação afetiva difícil com Elsa, e do pai a quem lembrava tanto em gestos e atitudes. Olga assumiu a maternidade da caçula, exercendo-a da melhor maneira possível, amparando-a na dor, dando-lhe conselhos, abrindo-lhe os olhos sempre que necessário, colocando-a na realidade, muitas vezes com um tratamento de choque, que era necessário para o bem da irmã. Nora acaba por projetar seus desejos de ser forte e independente na irmã mais velha vendo-a como aquela que “eu gostaria de ser”, aquela que sempre estava de pé para ampará-la na queda.

Nora sempre foi uma mulher carente. Ela percebeu isso ao lembrar o quanto mendigou/rastejou por carinho a todos de que se aproximava. Nossa protagonista teve uma experiência de morte psíquica quando João das minas a deixou. Como ela se entregou por inteira ao seu amado e não recebeu reciprocidade de sentimentos, sentiu-se destroçada, mas ela notou-se diferente e decidiu não declinar sua existência por causa de um amor mal sucedido, não terminando sua vida como seus fantasmas. Encontrando no tear como fonte de

aliviar as tensões psíquicas, Nora percebe-se como a diferenciação entre os seus e tende a construir e conquistar uma nova identidade, a da mulher completa: filha, esposa e mãe, além de dona de si própria e de seus desejos.

Ao fim do livro, Nora vislumbra um novo horizonte para sua vida, no crepúsculo do dia anterior à inauguração de sua tecelagem, na sacada da janela, local simbólico que representa limiar entre interno e externo, conhecido e desconhecido, real e fantástico, consciente e inconsciente:

A mulher subiu a escada, deixando apenas uma luz acesa na sala, voltada para as rosas pálidas numa grande jarra negra.

Entrou no seu quarto e da janela viu a noite.

A música cessara; a casa parecia apagar-se fundida na treva exterior. Mas era preciso mais para definir o vasto mistério de tudo.

Então, da sua alta janela escura, a mulher pôs-se a cantar. Primeiro num murmúrio, depois cada vez mais alto. Talvez outras janelas tenham-se iluminado na casa e nas redondezas; a dela permanecia escura. (LUFT, 1994, p. 163).

Após seu momento de avaliação e conciliação dos medos, a protagonista vislumbra pela janela da alma que finalmente se configurou como uma mulher completa e refere-se a essa nova mulher em terceira pessoa, como algo tão novo e diferente que chega a ser outra.

A Sentinela é um romance que vem marcar época na escrita de Lya Luft. Apesar de partir do tema recorrente na escrita da gaúcha, esse romance é um divisor de águas, pois mesmo contando inúmeros infortúnios durante a vida, a personagem do romance estudado consegue entrar em seu período de meditação, exilando-se tal como as demais personagens centrais dos romances da referida autora, mas, o que nem sempre acontece com as demais heroínas luftianas, a protagonista de *A sentinela* consegue sair desse exílio interior com perspectivas de futuro. Essa nova mulher representada por Nora é tecida de emendas de diversos personagens envolvidos na trama luftiana. Assim como uma colcha de retalhos, cada detalhe é minuciosamente avaliado e posto em seu devido lugar para desempenhar a função necessária neste novo ciclo que se inicia.

Mesmo depois de adulta, já sem o pai e a irmã, Nora não conseguia se afastar de suas presenças, além das lembranças e medos constantes, pois o destino de certa forma trouxe-os de volta – Matheus na irmã que tinha as mesmas características do pai e representa o que o pai esperava de uma filha, já que não teve filhos homens, enquanto a irmã Lilith volta no filho de Nora que era como uma recriação da tia, mesmos cabelos, olhos e jeito franzino e na mãe que nunca a deixa esquecer que a morta era melhor que essa.

Nora teve em seu processo a irmã Olga exercendo a função de guia, apoiando-a em todos os momentos que se fizessem necessários, para que ela pudesse alcançar o ápice do esclarecimento humano. Sentiu-se enfim com a melhor das liberdades, que é a de se livrar das coisas que a faziam mal e ter em mente apenas coisas boas e pensamento de futuro. A partir desse momento, tirando de dentro de si outra, um novo mundo e a nova mulher nasceram da música que emanou de seus lábios:

Cantava sem se importar com nada mais, cantava jorrando fios de música sobre as coisas todas, como tentáculos. E do seu canto foi brotando o mundo: dele nasceram árvores e os carros e as casas; os caminhos dos amantes; as grutas da noite, e o ventre do dia; a morte nascia dessa música; e a vida também (LUFT, 1994, p.163).

Mesmo que restassem dúvidas ou mistérios, esses seriam esclarecidos/sanados com o tempo. Nossa protagonista conseguiu chegar a si e ser ela mesma com propósitos diferentes. Ela se tornou uma pessoa renovada, melhor em todos os aspectos, principalmente no modo de ver a si mesma, deixando de sentir-se vítima da vida para ser senhora de seu próprio destino. Seu trato com os outros se modificou na medida em que via as coisas da forma como realmente são e compreendeu que não podia mudar os outros, que a mudança tem que partir dela, de seu interior para que os outros se aproximem e se adequem também a Nora renascida. Assim é a vida, daqui a pouco a página vira, o cenário muda, novos ventos, nova brisa, novos ares, novos mares. Uma vez que o processo de individuação é cíclico, Nora estará mais bem preparada para prosseguir novamente em busca da luz quando ouvir, mais uma vez, o chamado para o self.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em pleno século XXI parece um tanto estranho falar sobre adequação da mulher na sociedade, quando tudo parece igualitário e comum, porém as aparências enganam e as mulheres ainda sofrem discriminação por serem vistas como o segundo sexo e, por mais que a sociedade esteja se acostumando com o fato de as mulheres terem conquistado seu lugar ao sol, por haver ainda um resquício falocêntrico que insiste colocar como natural a dominação do feminino pelo masculino.

Trabalhar a literatura dessa gaúcha de ascendência alemã, Lya Luft, é sondar e explorar o universo feminino em suas diversas facetas e poder mostrar sua relação com os fatos torturantes que marcam a vida de todos, aprofundando-se no seu íntimo, buscando entender como seu interior reage a cada trauma sofrido. Seus textos tratam temas sufocantes, ásperos e difíceis de agradar a uma comunidade leitora acostumada com textos suaves e tradicionais, porém é de suma importância para que se possa compreender aspectos do humano que, conscientemente, nos passam despercebidos. Mostrar essa caminhada na vida de mulheres, “o sexo frágil”, é o ápice do pensamento feminista e moderno de Lya, embora em sua prosa pululem homens igualmente traumatizados pelos códigos patriarcais.

Esperamos ter podido mostrar como a literatura de Lya Luft contribui para que, como leitores, possamos refletir sobre a nossa condição de humano, sobre as marcas trazidas em seu corpo, as feridas abertas no flanco e sobre a necessidade de fortalecimento de nossa estrutura psíquica para continuarmos e seguirmos em nosso caminho até o fim, quando a luz da consciência ilumina por completo nossa psique, amalgamando luz e trevas e possibilitando-nos tocar o Self.

Acompanhamos com a protagonista do romance todos os dramas de uma vida que não é só dela, mas de nós mesmos, toda a jornada de sofrimento e conquistas passada, e pudemos presenciar a exposição de sua alma diante da luz de seus olhos, a busca de suas fraquezas, o embate com a sombra e o animus negativo e positivo até enfim o encontro do caminho rumo a si mesma, ao seu interior. Por fim, o romance de Lya de Luft mostrou-nos quão importante é o papel da mulher na sociedade, a mulher como indivíduo de valor que

alcança seu espaço com muita luta e talento, mas também como é imprescindível desencadear a individuação se queremos nos tornar, do ponto de vista psicológico, um ser completo, uno.

REFERÊNCIAS

BRAIT. Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1998.

BYINGTON. Carlos. *Estrutura da personalidade: Persona e sombra*. Série princípios. São Paulo: Ática, 1988.

CASTANHEIRA. Cláudia, *Morte e caos na reinvenção da vida: leitura do romance A Sentinela de Lya Luft*. Interdisciplinar ano 5, v 10, jan-jun de 2010 – ISSN 1980-8879/ p.65-78.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 23 ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

DOWNING. Christine (org.) *Espelhos do self*. Trad. Maria Silva Mourão Netto. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

GOLDBRUNNER. Josef. *Individuação: A psicologia de profundidade de Carlos Gustavo Jung*. São Paulo: Editora Herder, 1961

LEITE. Dante Moreira. *Psicologia e literatura*. 4ª Ed. São Paulo: HUCITEC: Editora UNESP, 1987.

LEITE. Maria do Rosário Silva, *The Penelopiad: A reconstrução do mito por Margaret Atwood*. João Pessoa, UFPB, 2010.

LIMA JÚNIOR. Celso José, *A rainha exilada: Jornada psicológica de uma mulher em busca do verdadeiro eu, em Exílio, de Lya Luft*. Campina Grande, 2010.

LUFT. Lya, *A sentinela*. São Paulo: Siciliano, 1994

MOISÉS. Massaud, Dicionário de termos literários, acesso dia 23/12/2013 as 17:18<<http://books.google.com.br/books?hl=ptBR&id=0Pn4qAZQyoC&q=leitmotiv#v=snippet&q=leitmotiv&f=false>>

PAES, Iêdo de Oliveira. *Na chispa dos olhares, a explosão do discurso repressor – Lya Luft*. Maceió, 2007.

PAIVA. Vera, *Evas, Marias e Liliths... As voltas do feminino*. São Paulo: editora brasiliense, 1990.

PESSOA. Fernando. *Tabacaria*.

QUINTANA. Mário, Borboletas, acesso dia 23/02/2014 as 22:40
<<http://www.luso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=1446>>

RIBEIRO. Maria Goretti. *A via crucis da alma: leitura mitopsicológica da trajetória da heroína de As parceiras, de Lya Luft*. João Pessoa: UFPB/ editora Universitária, 2006.

SILVA. Antonio de Pádua Dias da (org.), *representações de gênero e de sexualidade: inventários diversificados*. João Pessoa: Editora universitária, 2006.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. *O romance de Lya Luft*. In: Matraga. *Rio de Janeiro, UERJ, 1987, v. 2*.

TOMAZ, Jerzui Mendes Torres. *Corpo e afeto na escrita de Lya Luft*. Marceió: EDUFAL, 2009.

VON FRANZ, Marie-Luise. *O processo de individuação*. In: O homem e seus símbolos. Nova fronteira, 1996.

_____. *A percepção da sombra nos sonhos*. In *Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1991.

WHITMONT. Edward C., *A busca do símbolo: Conceitos básicos de Psicologia analítica*. Trad. Eliane Fitipaldi Pereira e Kátia Maria Orberg. São Paulo: Cultrix, 2002.

ZWEIG, Connie & ABRAMS,Jeremiah (orgs.)*Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1991.

Na orbita do Olhar: Percepção e hibridez em 'A sentinela de Lya Luft. Acesso em <<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/LCA/lca2504.htm>> dia 29/09/2012 as 13:26

Quem é Llith: Lilith, a lua negra. Acesso em WWW.senhoradalu.com/lilith.htm dia 06/11/2013as19:37